



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



LEONISSES MANHÃ SÉRGIO

**CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAÇÃO DE OBRAS RARAS DA ÁREA DE
QUÍMICA: ACERVO DA BIBLIOTECA JORGE DE ABREU COUTINHO DO
INSTITUTO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro

2014

LEONISSES MANHÃ SÉRGIO

**CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAÇÃO DE OBRAS RARAS DA ÁREA DE
QUÍMICA: ACERVO DA BIBLIOTECA JORGE DE ABREU COUTINHO DO
INSTITUTO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de
Informação da Universidade Federal do Rio de
Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: André Vieira de Freitas Araujo

Rio de Janeiro

2014

S484

Sérgio, Leonisses Manhã.

Critérios para identificação de obras raras da área de química: acervo da Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro./Leonisses Manhã Sérgio. – Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.
60f., il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Rio de Janeiro, 2014.

Orientador: André Vieira de Freitas Araujo.

1. Biblioteconomia de Livros Raros. 2. Critérios de raridade. 3. Livros Raros. I Araújo, André Vieira de Freitas. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. III. Título.

CDD 090

LEONISSES MANHÃ SÉRGIO

**CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAÇÃO DE OBRAS RARAS DA ÁREA DE
QUÍMICA: ACERVO DA BIBLIOTECA JORGE DE ABREU COUTINHO DO
INSTITUTO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de
Informação (CBG/FACC), da Universidade Federal
do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção
do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA:

Aprovado em:

Prof. André Vieira de Freitas Araújo
Doutorando em Ciência da Informação – USP
Orientador

Prof. Antonio Jose Barbosa Oliveira
Doutor em Memória Social - Unirio
Professor convidado CBG

Prof. Valeria Gauz
Doutora em Ciência da Informação (IBICT/UFF) - Museu da República
Professora convidada externa

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida: meus pais, Atídio (*In memoriam*) e Creuza, ao meu marido Sérgio, minhas filhas Juliana e Mariana, que confiaram no meu potencial para esta conquista. Não conquistaria nada se não estivessem ao meu lado. Obrigada, por estarem sempre presentes a todos os momentos, me dando carinho, apoio, incentivo, determinação, fé, e principalmente pelo Amor de vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus, por me iluminar e abençoar minha trajetória.

Ao meu pai Atídio (*In Memoriam*), e minha mãe Creuza, pelo apoio e por tudo que sempre fizeram por mim, pela simplicidade, exemplo, amizade, e carinho, fundamentais na construção do meu caráter.

Aos meus irmãos, Haydée, Ulisses, Renata e Leandra, especialmente a Haydée, pelo conhecimento e dicas importantes que contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

As minhas amadas filhas, Juliana e Mariana, que estão em minha vida para alegrá-la. Hoje a minha vitória também é delas.

Ao meu esposo, Sérgio, pacientemente sempre me dando conselhos, força, coragem e incentivo e principalmente amor.

Aos meus guias espirituais, pela proteção e inspiração.

A professora, Valéria Gauz, que no princípio foi de suma importância para a inspiração desse estudo. Você é maravilhosa!

Ao orientador André Vieira de Freitas Araújo, pelo apoio e conhecimento transmitido.

A todos da BIQ que de alguma forma ajudaram, agradeço por acreditarem no meu potencial, nas minhas idéias, nos meus devaneios, principalmente quando nem eu mais acreditava. Especialmente minha querida “Chefe” Heloisa Helena.

E por último, e não menos importante obrigada a meu amigo de caminhada acadêmica e de ideia tão próximas: Alessandro,

Sem vocês nada disso seria possível.

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.”

Charles Chaplin

SÉRGIO, Leonisses Manhã. Critérios para identificação de obras raras da área de química: acervo da Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2014. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

O objetivo deste trabalho é estabelecer e discutir os critérios para a identificação de livros raros da Biblioteca do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (BIQ/UFRJ). A partir da pesquisa bibliográfica, buscamos conceitos sobre obras raras e o estabelecimento de critérios de raridade. Paralelamente, realizamos a análise dos critérios para identificação de obras raras adotados pela Biblioteca Nacional (BN) e por quatro universidades, a saber: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O estabelecimento de novos critérios para a identificação de obras raras e/ou especiais da BIQ poderá servir como proposta para instituições similares na análise e discussão da raridade em seus acervos. Partindo do conhecimento daquilo que é raro é possível tomar providências necessárias à salvaguarda e difusão documental. O presente estudo pretende ser uma contribuição à memória da área de Química, no contexto da UFRJ.

Palavras-chave: Biblioteconomia de Livros Raros. Biblioteca do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (BIQ/UFRJ). Critérios de raridade. Obras raras.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 A QUESTÃO DOS LIVROS RAROS	12
1.1.1 DEFINIÇÕES.....	12
1.1.2 CRITÉRIOS DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL PARA DEFINIÇÃO DE OBRAS RARAS	15
1.1.3 ANÁLISES DOS CRITÉRIOS DE RARIDADES ADOTADOS POR UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS.....	18
2 O INSTITUTO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	26
2.1 O INSTITUTO	26
2.2 A BIBLIOTECA PROFESSOR JORGE DE ABREU COUTINHO E SUA MISSÃO	30
2.3 LIVROS RAROS NA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE QUÍMICA	32
3 CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAÇÃO DE OBRAS RARAS NA BIBLIOTECA JORGE DE ABREU COUTINHO	33
3.1 A QUÍMICA EM OUTRAS INSTITUIÇÕES NO BRASIL	33
3.2 CRITÉRIOS PARA O INSTITUTO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	40
3.2.1 CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DIRECIONADOS AO ACERVO RARO DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE QUÍMICA	42
3.2.2 CRITÉRIOS GERAIS DIRECIONADOS AO ACERVO RARO DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE QUÍMICA	44
3.2.3 CRITÉRIOS BASEADOS NA CARACTERÍSTICA DO EXEMPLAR RARO DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE QUÍMICA	45
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE 1.....	54
ANEXO 1	55

1 INTRODUÇÃO

Livros raros se distinguem de outros tipos de livros pois podem conduzir o leitor a um universo encantador, em que o toque, o olfato e a fisicalidade conduzem a experiências únicas. Por outro lado, o desconhecimento do que pode ou não ser raro leva à concepções equivocadas, como considerá-los como “velharias” e “transmissores de fungos”. Pensamento errado!

Como documento, um livro raro possui características relevantes que vão além de seu conteúdo, tais como sua produção, encadernação, impressão/imprensa, possíveis marcas de propriedade... é aí que se encontram as diferenças entre um livro “comum” e um livro raro. Tais diferenças/características só podem ser identificadas a partir de uma avaliação prévia e o reconhecimento do valor da obra. Obras raras levam os seus leitores a um tempo passado, onde através delas pode-se conhecer a cultura de um povo que teve, não só a preocupação de escrever assuntos interessantes, mas ornamentar os livros de uma forma inigualável.

Quando se noticia que um livro é raro, a primeira pergunta esperada é: “É raro por quê?” Essa pergunta surge naturalmente, independente da formação técnico-científica do questionador, que age intuitivamente sem considerações sobre a forma do livro e outras características quaisquer. O questionador poderá no primeiro momento, pensar no livro como antigo, velho como suporte, simplesmente matéria. Observa-se que além do conteúdo que naturalmente é importante, existem características da arte de sua produção, encadernação, relevância do impressor, e marcas de antigos proprietários, e é aí que se encontram as diferenças entre um livro comum e um livro raro. Aí está a diferença entre a avaliação feita pelo leigo e a do profissional especializado sobre o livro raro.

O Setor de Obras Raras da Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho está sendo criado devido à percepção de que livros raros poderiam estar compondo o acervo e havia a necessidade de avaliação especializada. Na Biblioteca do Instituto de Química (BIQ) atualmente não existe nenhuma ferramenta que sirva como critérios de identificação de obras raras na área de Química. As perguntas que movem este estudo são: “Há critérios específicos para identificação de obras raras que estejam no acervo da Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho?”

“Os critérios gerais existentes hoje na literatura são suficientes para o estabelecimento de raridade bibliográfica na coleção da Biblioteca do Instituto de Química (BIQ)?”.

O primeiro questionamento nos remete ao objetivo principal deste estudo que é estabelecer critérios específicos à identificação de obras raras em química no acervo da Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho, Universidade Federal do Rio de Janeiro. O segundo questionamento aponta para a forma com que esses critérios serão delimitados. O meio para chegarmos, o método aplicado, a esses novos critérios deu-se através da leitura e análise dos conteúdos já estabelecidos pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pela Universidade Federal Fluminense (UFF), pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFRS); onde encontramos seus métodos e critérios próprios de raridade. Através dessa leitura criteriosa, foram selecionadas do conteúdo investigado dessas cinco instituições, as bases informacionais necessárias que servirão de apoio para a identificação de características que fundamentem a “formatação” dos critérios específicos que buscamos como alicerce para elencar quais itens são raros, no acervo da BIQ.

Com relação às bases informacionais empregadas no conceito de livro raro, colocamos como ponto de partida as observações feitas por autoridades renomadas no assunto, em torno da definição de livro raro no Brasil. Com base nessas observações, e também nos conceitos estabelecidos pela FBN, estudamos as preconizações sobre critérios de raridade das universidades citadas e observamos que as mesmas basearam-se nos conceitos da FBN e os adaptaram conforme suas necessidades. Partindo desse princípio, focando no contexto histórico do Instituto de Química (IQ), tomamos como base os procedimentos aplicados pelas universidades, e, não perdendo o referencial proposto pela FBN, elaboramos e elencamos os critérios de raridade específicos aqui propostos para a Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho.

Este trabalho se justifica então pela importância da criação e estabelecimento de critérios de raridade que contribuam como fontes de informação para a memória da área de Química e por delimitar o acervo de livros raros e mais antigos da Biblioteca Professor Jorge de Abreu Coutinho. O empenho na pesquisa aqui elaborada poderá ser percebido pela criação de um produto final, pode-se até dizer, uma nova ferramenta de trabalho, composta por orientações e critérios de raridade que englobam não só as particularidades do Instituto de Química da

UFRJ e as obras que compõe seu acervo, mas também os critérios de raridade preconizados pela Fundação Biblioteca Nacional.

Nesta pesquisa trataremos apenas de livros, e não de manuscritos, periódicos ou outro tipo de material.

1.1 A QUESTÃO DOS LIVROS RAROS

Quando se fala em livro raro, a primeira ideia que surge é concebida de forma natural, ou seja, sem que seja “filtrada” por conceitos originados da formação profissional que se possa ter. As considerações sobre os aspectos do livro avaliado podem levar a conclusões simplistas, do tipo: “esse livro é antigo”, “esse livro é velho”, “esse suporte é obsoleto”, “essa encadernação é antiquada”.

1.1.1 DEFINIÇÕES

Existem autores que se referem ao livro raro como obra rara, utilizando o termo “obra” como “livro”, item físico. Houaiss¹ define livro como: “[...] coleção de folhas de papel, impressas ou não, cortadas, dobradas e reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos por meio de cola, costura etc., formando um volume que se recobre com capa resistente” (DICIONÁRIO..., 2004). Já a definição de “obra”, para Houaiss, é: “[...] a produção total de um artista, de um cientista” (DICIONÁRIO..., 2004). Já a definição de livro, segundo o Aulete², é: “[...] reunião de cadernos manuscritos ou impressos, cosidos ou colados por uma das extremidades e brochados ou encadernados.”(DICIONÁRIO..., 200?) Obra, Aulete define como “[...] toda obra, para livro também, que visa a dar informações como respostas a consultas sobre certos assuntos ou palavras, como dicionários, enciclopédias, guias, atlas, etc.; obra de consulta. (DICIONÁRIO...200?) Neste trabalho, utilizaremos a palavra “livro” e “obra” com o mesmo sentido (significando item físico) e somente trataremos de livros e não materiais “não-livro”.

Nos livros raros o tratamento técnico é mais detalhado e as normas de descrição física são diferentes, para que informações como estilo de encadernação, nome do impressor, de antigos

¹ DICIONÁRIO Houaiss. Disponível em: <<http://dicionario.cijun.sp.gov.br/houaiss/>> Acesso em: 20 abr. 2014.

² DICIONÁRIO Aulete, C. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/>> Acesso em: 20 abr. 2014.

proprietários de um determinado exemplar, etc. possam ser representadas e recuperadas. GAUZ, 2008, [n.p.].

O livro raro não é só livro velho. O livro raro tem qualidades, características que o tornam diferente dos demais numa biblioteca. Ele é, normalmente, subutilizado, requer pessoal especializado (ou seja, caro) e a manutenção da coleção não é barata, pois segurança contra roubo e incêndio e sua conservação, fora os aspectos relacionados ao tratamento técnico, também oneram a instituição. GAUZ, 2008, [n.p.].

Um bibliotecário afirma que, conforme o senso comum e a maioria dos dicionários, o livro raro é aquele difícil de encontrar, invulgar, não necessariamente antigo, mas diferente do livro comum. A palavra ‘raro’ significa também algo valioso ou precioso; uma obra rara seria, portanto qualquer publicação incomum, difícil de achar, e com um valor maior do que os livros disponíveis no mercado. (SANT’ANNA, 2001, p. 2)

Rubens Borba de Moraes (1998, p. 65) complementa:

[...] um livro não é valioso porque é antigo e, provavelmente, raro. Existem milhões de livros antigos que nada valem porque não interessam a ninguém. Toda biblioteca pública está cheia de livros antigos, que, se fossem postos à venda, não valeriam mais que o seu peso como papel velho. O valor de um livro nada tem que ver com a sua idade. A procura é que torna um livro valioso.

E de acordo com Pinheiro (2004, p. 8):

“Cada livro, mesmo que em dezenas de exemplares, ganha o caráter da unicidade, quando é parte de um todo particular, formado segundo os interesses de leitura de um professor, de um estudioso, de um colecionador. A biblioteca de livros raros no Brasil é múltipla (abrange objetos diferentes), porque é a soma de muitas coleções, assemelhadas e diversas, representativas de opiniões e ideologias, de crenças e descrenças, de verdades e mentiras.”

A definição do que pode ser uma obra rara não possui um modelo específico, e deve levar em consideração o contexto da própria da instituição, nesse caso, a Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho, além dos critérios gerais.

No artigo do livro: Labirinto ao invisível: a história do livro raro, comenta Pinheiro:

“A biblioteca de livros raros é um engenho que desafia a argúcia do leitor potencial, que vaga sem rumo, porque não dispõe de indicadores de coleções, de guias de instituições de guarda”. Desse modo, a biblioteca de livros raros configura-se como entidade invisível. Invisível, aqui, não é aquilo que, pela sua pequenez, natureza ou distância a que se acha, escapa ao sentido da vista; mas sim, o que se esconde aos olhos de quem não dispõe dos instrumentos necessários para “ver” – muitas vezes, sabe-se que o livro raro está ou só poderia estar em determinada biblioteca, mas, entre saber da sua presença e poder alcançá-lo há um considerável “tatear no escuro”. Como um lugar sagrado, um cofre de tesouros, a biblioteca de livros raros é o lugar onde o livro está “preso”; onde, se é permitido vê-lo, não é permitido tocá-lo. No entanto, é o toque que permite a visão antecipadora. Ver o livro raro “com os olhos” não viabiliza o sentido completo de seu significado.

Ver o livro raro “pelo toque” leva à experimentação, quase esotérica, do infinito, de imensas possibilidades que dependem do instinto do leitor para transformar-se em inteligência. Aliás, o livro raro não é só para ler – é para ser analisado, como monumento e como documento, em matéria e espírito; isto é, em continente e conteúdo, em suporte e informação. Cada livro representa todo mundo. E cada biblioteca é um “livro único”. (PINHEIRO, 2006, p.3),

“As bibliotecas são denominadas lugares de espaços físicos em que se guardam livros”. Essa afirmação foi totalmente correta no século passado. Hoje vemos que as bibliotecas são muito mais que isso. São espaços físicos ou digitais onde o conhecimento e a informação andam lado a lado; a disseminação do saber faz parte total deste conceito, mesmo contendo obras raras.

“As obras raras têm tido, ao longo da história, um lugar especial na evolução das bibliotecas. Apesar de ser um material fundamental para a pesquisa, elas são pouco conhecidas, restritas para as consultas e empréstimos. Muitas vezes, sem fazer nenhuma diferença entre o que é uma obra rara e o que é um livro velho, elas continuam a ser inseridas nas coleções especiais. Por serem consideradas como diferente, pouco comuns, material de alto valor, que requerem cuidados especiais e de custo elevado e cuja segurança onera o orçamento das instituições, as obras raras têm sido usadas mais para divulgação da biblioteca do que para a consulta dos interessados, onde é feita apenas menção a alguma das características que demarcam o texto enquanto raridade em relação a outras fontes de informação”. (ABATTI, 2006, p.23).

Segundo Arellano (1998, p.5),

“A formação de uma coleção de obras raras sempre solicitou uma perspectiva diferente por parte dos seus organizadores. As coleções requeriam um conjunto de critérios específicos que, até hoje, vão além daqueles usados no acervo geral. O uso de critérios para diferenciar esse material é variado. Desde as primeiras tentativas de catalogação, têm sido várias as circunstâncias que determinam se um material é raro”.

O livro raro, como o nome já diz, deve ser guardado como se um tesouro fosse. A história descrita nos livros é lembrança do nosso passado, narrada em cada página. Qualquer biblioteca deveria ter um espaço, uma estante ou até mesmo uma prateleira, que guardasse de maneira adequada à memória local e institucional através dos livros.

1.1.2 CRITÉRIOS DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL PARA DEFINIÇÃO DE OBRAS RARAS

Muitas instituições no Brasil adotam critérios baseados na Fundação Biblioteca Nacional /Biblioteca Nacional do Brasil, porém várias outras acrescentaram diferentes condutas para tal análise. Os critérios da FBN são amplos, alguns internacionais, outros nacionais, mas se aplicam praticamente a todas as instituições brasileiras. Atualmente as instituições também criaram critérios para atender suas necessidades locais, para solucionar problemas de armazenamento de livro raro em lugar diferente do acervo comum.

O documento norteador que primeiramente surgiu no Brasil para divulgação de critério de raridade, é o que contém os critérios estabelecidos por Lygia Cunha da Fundação Biblioteca Nacionais (FBN), em 1984. Esses critérios foram registrados por Gauz (1991):

- Primeiras impressões – os primeiros livros impressos no mundo, dos séculos XV e XVI, onde estão incluídos os incunábulos;
- Impressões dos séculos XVII e XVIII até 1720;
- Edições de tiragem reduzida, isto é, poucos exemplares disponíveis no mercado;

- Edições especiais, por exemplo, edições de luxo para bibliófilos; Edições claudeldestinadas;
- Obras esgotadas;
- Exemplares de coleções especiais com encadernações elaboradas, autógrafos ou marcas de propriedade como carimbos, *ex-libris*, etc.;
- Exemplares com anotações manuscritas de importância, incluindo dedicatórias.

Os critérios estão listados no Anexo1.

No Brasil, considera-se, igualmente raro o livro aqui publicado até 1841, devido à produção gráfica ter se desenvolvido a partir do Segundo Reinado.

Vale destacar o Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (Planor), que propõe praticamente os mesmos critérios estabelecidos por Cunha na Fundação Biblioteca Nacional.

Sant’Anna (2001, p.14) afirma ainda, que deve ficar claro que o estabelecimento de critérios de raridade servirá como orientação geral e não como limitante para determinar rigidamente o procedimento a ser adotado em cada caso. Lembramos novamente as palavras de Rubens Borba de Moraes, como um exemplo das dificuldades de definição da raridade de um exemplar:

“O livro com dedicatória é uma coisa curiosa. A gente nunca sabe que destino a gente deve dar para livros com dedicatória. Se o livro é raro, evidentemente ele é raro em si e não pela dedicatória. Mas muitas vezes o livro não é raro, mas a dedicatória do autor é interessante. Então, nesse caso, convém guardar (...) porque se ele não é raro hoje em dia, ele será mais tarde.” (MORAES, 1983)

Carteri (2003, p.43), descreve o livro como:

“Documento disseminador de informações tanto de caráter científico e intelectual como artístico e cultural, perecível enquanto suporte, e é um dos elementos passíveis de tombamento como patrimônio histórico-cultural, de acordo com o Artigo 216 da Constituição Federal do Brasil. Os livros são tombados como patrimônio institucional em empresas públicas e privadas, mas a preocupação com o livro como patrimônio cultural incide sobre o livro raro, que, relevante para a cultura nacional, torna-se merecedor de empenho em sua preservação”.

A mesma autora afirma:

“que o livro raro oferece aos membros da área patrimonial uma problemática complexa e específica, visto não existirem no Brasil leis que determinem diretrizes para o estabelecimento da raridade de um livro e a ausência destas interferem na atuação dos profissionais interessados neste documento, mas não impedem que o mesmo receba a atenção destes.” (CARTERI, 2003 p.44)

Pinheiro (1989, p.29) sugere a observação das seguintes características:

- limite histórico: observar, por exemplo, os períodos que caracterizam a produção artesanal de impressos, bem como a fase inicial da imprensa em determinado lugar;
- aspectos bibliológicos: observar aspectos como a presença de ilustrações produzidas artesanalmente, os materiais utilizados para a confecção do suporte na impressão, como tipo de papel, emprego de pedras ou materiais preciosos na encadernação;
- valor cultural: observar as publicações em pequenas tiragens, personalizadas, censuradas, expurgadas, as primeiras edições etc.;
- pesquisa bibliográfica: existem dicionários e enciclopédias bibliográficos especializados nesse tipo de publicação, que apontam certas peculiaridades da obra, como preciosidade e raridade;
- características do exemplar: observar as características particulares do exemplar que se tem em mãos, como à presença de autógrafo ou dedicatória de personalidade importante, marcas de propriedade e outros.

Já para Rodrigues (2006, p.115) “fica evidente que o uso de critérios de raridades bibliográficas justifica-se pelo fato de que tais livros merecem tratamento diferenciado, visto seu valor histórico, cultural, monetário, e mesmo a dificuldade em obterem-se exemplares”.

Já na análise bibliográfica, que é o levantamento de dados que servirá como ponto de partida do trabalho. Observando-se as características bibliográficas: informações sobre autor (es), título, data de publicação, impressor, local de publicação, paginação, presença de licenças e/ou privilégios; as características físicas: ilustrações, gravuras, caracteres especiais, disposição do texto, marcas tipográficas, e ainda as características intrínsecas: falhas na paginação, presença de anotações manuscritas, marcas de propriedade (assinaturas, carimbos, *ex-libris*). Que serão aplicadas tanto nos livros artesanais do Séc. XV quanto os artísticos do Séc. XXI.

Para definição de critérios de livros raros, a análise e a pesquisa são necessárias para a busca de um consenso da área. Fica evidente que mais pesquisas ao estudo ainda se fazem necessárias em torno desse assunto, ainda que os autores citados acima já muito produziram a este respeito.

1.1.3 ANÁLISES DOS CRITÉRIOS DE RARIDADES ADOTADOS POR UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS

Muitas universidades dão importância às suas coleções raras que se formaram ao longo do tempo, e cada uma delas, buscando organizar essas coleções, desenvolveram critérios de raridade para seus contextos específicos. Tomamos como exemplos os critérios das instituições a seguir: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Esses critérios (das universidades) têm muito em comum com os estabelecidos pela Fundação Biblioteca Nacionais (FBN) – anexo 1. Desse conjunto (de critérios em comum) destacamos apenas os critérios que diferem dos citados pela FBN (PLANO..., [19--]), como podemos observar abaixo:

Critérios de raridade em comuns entre as universidades e a FBN:

- A - (Obras publicadas no) Brasil – Séc. XIX;
- B - Edições especiais (de luxo para bibliófilos);
- C - Exemplares de coleções especiais;
- D - Edições clandestinas;
- E - Edições de tiragens reduzidas;
- F - Impressões dos XVII e XVIII e,
- G - Primeiras impressões (Séc. XV – XVI).

Dentre os critérios observados acima, os itens A, C, F e G são relevantes no processo de identificação do livro raro, de acordo com o contexto específico Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho.

Desse conjunto (de critérios em comum) destacamos apenas os critérios que diferem dos citados pela FBN, abaixo elencados de acordo com cada instituição.

Na UFRJ são considerados raros os materiais que se inserem em alguma(s) característica(s) relacionada(s), além daqueles da BN (COMITÊ..., [19--]):

- Obras de personalidades de projeção política, científica, literária, artística e religiosa;
- Obras científicas e históricas que datam do período inicial da ascensão de cada área do conhecimento;
- Edições censuradas;
- Edições populares, especialmente romances e folhetos literários (cordel, panfletos);
- Edições de artífices renomados;
- Edições de clássicos, assim considerados nas histórias das literaturas específicas;
- Teses defendidas até o final do século XIX;
- Teses e dissertações defendidas na UFRJ.

Já na UFF, os critérios diferentes dos da BN para as obras raras ou valiosas são (NÚCLEO..., 2000):

- As ilustradas por artistas de renome ou pelos próprios autores.
- As apreendidas, suspensas ou recolhidas³.
- As clássicas em todos os ramos do conhecimento que são identificadas como tal pelos especialistas das áreas.

³ Apreendidas – quando seus exemplares são retirados de circulação por decisão legal ou arbitrária de uma autoridade constituída; Suspensas – quando a edição é sustada após o início de sua impressão, por decisão de uma autoridade, do próprio autor, de sua família ou de seu herdeiro legal e Recolhidas – quando o próprio editor promove a retirada de circulação, por medida de precaução, por imposição do autor ou de sua família.

Na UFMG, são esses os critérios que se diferenciam dos da BN (SISTEMA..., 1992):

1. Características históricas

- Específicas (Brasileira e Mineirana)
- Editoras mineiras: quando oferecido enfoque de importância ou relevância;
- Autores mineiros: representativos em seu campo de atuação;
- Minas Gerais: obras relevantes sobre o Estado ou suas cidades em seus mais diversos aspectos.

2. Características gerais da obra

- Edições populares: publicações que caracterizam uma cultura, podendo ser romances, folhetos literários, panfletos, folhas volantes, dentre outros;
- Edições clássicas em qualquer ramo do conhecimento;
- Obras científicas que datam do período inicial de ascensão da ciência e/ou assunto tratado;
- Obras impressas em períodos adversos (por exemplo, guerra).
- Obras sobre histórias de descobrimentos e colonização;
- Obras apreendidas, suspensas ou recolhidas por censura política, religiosa, moral, social, pessoal, familiar, dentre outros;
- Obras repudiadas pelo autor: obras não citadas ou não incluídas em biografias;
- Obras “desaparecidas”;
- Obras premiadas;
- Traduções/tradutores: traduções consagradas e definitivas e tradutores brasileiros renomados;
- Obras que pertençam a um conjunto bibliográfico de personalidade ilustre;
- Celebidade: obras mais procuradas por bibliófilos por suas características intrínsecas e extrínsecas e/ou as mais estudadas por eruditos;

- Curiosidade: obras cujo assunto foi tratado de modo *sui generis* ou apresentação gráfica incomum; Censuradas; Apreendidas: exemplares retirados de circulação por decisão legal ou arbitrária de autoridade constituída;

A UFSC aponta uma abordagem diferente para a questão dos critérios de raridade (UNIVERSIDADE..., [19--]):

- A subtração de algum volume em uma edição composta: (v. 1, v. 2 e v. 3 de um mesmo título, por exemplo) desaparecido face à contingência do tempo, não retira desta edição ou dos outros volumes sobreviventes, a condição de raridade e/ou preciosidade bibliográfica;
- O mau estado de um item documental: quando a integridade física do exemplar puder ser reconstituída com intervenção reparadora sem alterações substanciais na originalidade do suporte, não retira deste a condição de raridade e/ou preciosidade bibliográfica que dispense a guarda especial enquanto não for submetido ao tratamento necessário.

A Universidade classifica em graus diferentes a raridade de livros:

- Obra rara ou R-1, edição importante em 500 exemplares;
 - Obra raríssima ou R-2, edição importante em 300 exemplares;
-
- Para os impressos em formato de revista: só serão considerado raros e/ou preciosos os que precisam de guarda especial, aqueles nacionais publicados até 1930. Para os estrangeiros, só serão preservados no setor de obras aqueles publicados até 1900;
 - Para as edições da Bíblia: só serão consideradas raras e/ou preciosas aquelas editadas em português ou em latim datadas até 1890. Depois disso, somente os exemplares autografados, dedicados ou anotados por algum papa ou renomado extremamente importante. Para as demais edições que não o idioma português ou o latim, a data abrangida é até 1850. Depois disso, somente os exemplares autografados, dedicados ou anotados por algum papa ou renomado extremamente importante;

- Os acervos doados por familiares de renomados: só serão considerados raros e/ou preciosos, aqueles exemplares com alguma particularidade intrínseca ou extrínseca à obra. Os exemplares de fácil reposição ou comuns não serão preservados no setor de obras raras, estabelecendo que por si só, ter pertencido a um renomado, não dá a esses exemplares a condição de raridade e/ou preciosidade bibliográfica;
- Sobre os dicionários: serão considerados raros e/ou preciosos todos os dicionários vernaculizados em português editados até 1890. Depois disso, somente aqueles que delimitaram reformas ortográficas significativas ou possuem anotações importantes de renomados. Para os estrangeiros serão considerados raros e/ou preciosos aqueles editados até 1850. Depois disso, somente os exemplares com anotações importantes de renomados;

Considerações para os (autores) renomados, segundo a UFSC:

Serão considerados renomados todos aqueles que conseguiram projeção nacional e internacional, mediante o valor de suas produções literárias, artísticas, científicas, sociais e em outros campos do conhecimento, durante suas vidas ou depois de suas mortes, após uma releitura e análise do que representou o legado intelectual que deixaram, e também, todos aqueles que, mesmo sem pertencerem aos ofícios das letras, das artes ou das ciências, tenham de alguma forma sido personagens de acontecimentos em épocas extremamente importantes.

Assim, serão considerados apropriados de renome as seguintes identificações:

- todos os presidentes do Brasil e também aqueles que governaram o país em períodos anteriores à introdução da República;
- todos aqueles que receberam a premiação máxima internacional referente a sua área de atuação;
- todos os “imortais” da Academia Brasileira de Letras;
- todos aqueles vistos como expoentes ou idealizadores que participaram de movimentos artísticos ou literários representativos para a cultura nacional;
- todos aqueles cujas obras assinalam o início, caracterizam o estilo ou delimitam o fim de tendências artísticas ou escolas literárias tradicionais;

- todos aqueles que em nome da ciência descobriram, inventaram ou proporcionaram avanços para a humanidade;
- todos os reis, rainhas, príncipes e princesas reconhecidos na história;
- todos os papas;
- todos os líderes religiosos ou espirituais máximos;
- todos os líderes que “encabeçaram” movimentos separatistas, emancipatórios ou revolucionários merecíveis de análise histórica;
- todos os compositores, maestros e intérpretes musicais consagrados;
- todos os atores e atrizes de teatro e de televisão que marcaram época ou modificaram comportamentos;
- todos os mártires beatificados, canonizados ou santificados pela Igreja;
- todos os homenageados nos maiores monumentos, solenidades ou patrimônios nacionais.

De acordo com os critérios acima expostos podemos enumerar, fazendo uma síntese, alguns pontos em comum (convergentes) entre as instituições analisadas:

Na UFRJ, UFF e UFMG o critério que aponta raridade para obras censuradas, suspensas, e ou recolhidas por motivos de censura política, religiosa, moral, social, pessoal, familiar, está presente. Listamos abaixo esses critérios na ordem sequencial acima:

- UFRJ: Edições censuradas;
- UFF: As apreendidas, suspensas ou recolhidas.
- UFMG: “Obras apreendidas, suspensas ou recolhidas por censura política, religiosa, moral, social, pessoal, familiar, dentre outros...”.

Na mesma ordem (UFRJ, UFF, UFMG e incluído a UFSC) encontramos critérios de raridades referindo-se a edições de autores, e/ou artífices renomados, como observamos:

- UFRJ: Edições de artífices renomados;
- UFF: As ilustradas por artistas de renome ou pelos próprios autores.
- UFMG: Curiosidade: obras cujo assunto foi tratado de modo *sui generis* ou apresentação gráfica incomum;

- UFSC: “... os acervos doados por familiares de renomados: só serão considerados raros e/ou preciosos, aqueles exemplares com alguma particularidade intrínseca ou extrínseca à obra...”.
- Sobre os dicionários: serão considerados raros e/ou preciosos todos os dicionários vernaculizados em português editados até 1890. Depois disso, somente aqueles que delimitaram reformas ortográficas significativas ou possuírem anotações importantes de renomados. Para os estrangeiros serão considerados raros e/ou preciosos aqueles editados até 1850. Depois disso, somente os exemplares com anotações importantes de renomados;
- Considerações para os (autores) renomados, segundo a UFSC serão considerados renomados todos aqueles que conseguiram projeção nacional e internacional, mediante o valor de suas produções literárias, artísticas, científicas, sociais e em outros campos do conhecimento, durante suas vidas ou depois de suas mortes, após uma releitura e análise do que representou o legado intelectual que deixaram, e também, todos aqueles que, mesmo sem pertencerem aos ofícios das letras, das artes ou das ciências, tenham de alguma forma sido personagens de acontecimentos em épocas extremamente importantes.

Já na UFF e na UFMG, foram encontrados critérios de raridade relativos a obras clássicas no geral. Vejamos abaixo:

- UFF: As clássicas em todos os ramos do conhecimento que são identificadas como tal pelos especialistas das áreas.
- UFMG: Edições clássicas em qualquer ramo do conhecimento.
- Finalizando nossas comparações, citamos a UFMG e a UFSC com critério de raridade em comum sobre obras, descobertas e invenções no âmbito científico, a seguir:
- UFMG: Obras científicas que datam do período inicial de ascensão da ciência e/ou assunto tratado;

- UFSC: “Todos aqueles que em nome da ciência descobriram, inventaram ou proporcionaram avanços para a humanidade”.

O cerne do trabalho reside na síntese acima delineada, que é nada mais nada menos que a fonte informacional na qual nos baseamos para a elaboração dos critérios que buscamos para a BIQ. Ressaltamos que, os pontos principais que podemos perceber acima como critérios em comum de raridade para as universidades pesquisadas são:

1. Obras censuradas, suspensas, e ou recolhidas;
2. Autores, e/ou artífices renomados;
3. Obras clássicas no geral; e
4. Obras, descobertas e invenções no âmbito científico.

Dessa seleção de quatro critérios principais, verificamos que somente os critérios 2 e 4 são compatíveis com o contexto da BIQ e a coleção trabalhada.

Dentre os critérios observados acima, concordamos que todos têm relevância no processo de identificação do livro raro, no entanto, para o contexto específico da Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho, obras publicadas no Brasil durante o século XIX, e, exemplares de coleções especiais, são dois critérios com maior peso e que vêm de encontro com os livros presentes no acervo da BIQ com características de raridade.

Entendemos que o critério de raridade que faz menção às obras de personalidades de projeção política, científica, literária, artística é condizente com a área cujo trabalho está sendo desenvolvido e deveria pertencer ao grupo de critérios comuns que ressaltamos imediatamente acima.

2 O INSTITUTO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO⁴

2.1 O INSTITUTO

Para se ter um ponto de referência, sob olhar histórico, onde possamos situar o Instituto de Química da UFRJ e, por conseguinte a sua Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho, é preciso “passar” um pouco sobre a história da ciência no Brasil, saber basicamente como esta se deu.

Alguns pesquisadores da história da ciência se questionam se houve realmente atividade científica no Brasil pós-colonial. Entendemos que a ciência que se podia observar em outros continentes (uma ciência que refletia uma busca desinteressada por conhecimentos da natureza, cujo patrocínio do estado ou de particulares era fato) não se estabelecia da mesma forma em nossa terra.

No Brasil havia, no entanto um conhecimento crescente de práticas técnicas, muita delas bem precisa, como por exemplo, a metalurgia, a mineração, as análises geodésicas, e a cartografia.

Na segunda metade do século XVIII, mais precisamente em 1772 surge a Academia Científica no Brasil, e em 1786 surge a Sociedade Literária do Rio de Janeiro, e é à partir da criação dessas instituições que pode-se dizer que surgia um esboço de comunidade científica no Brasil.

O controle de Portugal sobre o que poderia ser ensinado no Brasil colonial impedia que conteúdos relevantes estivessem ao alcance daqueles que aqui desejavam / podiam instruir-se, fato que só mudou com a elevação do Brasil à condição de Reino após a chegada da coroa portuguesa.

⁴ INSTITUTO DE QUÍMICA DA UFRJ. Disponível em: <http://www.iq.ufrj.br/institucional/historia.html/>. Acesso em: abr de 2014.

O fato de o império português transferir-se para o Brasil foi sem precedentes e decisivos para que a cultura do país alavanca-se com a transferência de todo um arcabouço (não apenas de acervos de toda natureza) histórico e cultural que nos foi transferido pelos nossos colonizadores.

O estágio de desenvolvimento industrial no qual o Brasil do início do século XIX se encontrava, ainda muito incipiente, não favorecia em nada o estabelecimento de estudos científicos. Predominava então o desenvolvimento de uma “ciência” utilitária e voltada à prática.

Acompanharemos a partir daqui a trajetória histórica da ciência no Brasil vinculando à trajetória profissional do cientista e professor Athos da Silveira Ramos (25/08/1906 – 13/01/2002), ao qual damos destaque no desenvolvimento da Química no Brasil, ao estabelecimento da mesma como área de atuação científica e de estudo e ensino, assim como a criação de cursos a ela relacionados.

Estudando vários escritos do professor Athos, observamos que ele aponta como coincidentes a Revolução Industrial na Europa e a chegada da tecnologia moderna ao Brasil, na segunda metade do século XIX.

Athos relata-nos em suas obras que em 1810 precisamente, o Brasil já possuía engenheiros formados pela Academia Real Militar, ferrovias, e escolas de engenharia onde se formavam também astrônomos, ferroviários, topógrafos, e portuários.

No início do século XX, o panorama no Brasil já era o de um processo de industrialização estabelecido, porém a modernização resultante desse processo ainda dependia em muito dos conhecimentos trazidos da Europa e dos Estados Unidos.

Este vínculo de dependência impactaria (e impacta até hoje) na forma em como fazemos e entendemos a ciência no Brasil, gerando uma dificuldade muito peculiar para a evolução e autonomia científica em nosso país.

Antes da 2ª. Guerra Mundial o ensino no Brasil era voltado muito mais à leitura do que às pesquisas. É fato que a 2ª. Guerra Mundial impulsionou em muitos sentidos o desenvolvimento técnico e científico ao redor do planeta, e, após o término da mesma, em muitos países (inclusive no Brasil), podemos observar o surgimento de instituições para o fomento em Ciência e Tecnologia (C&T).

Foi a partir do término da Segunda Grande Guerra que ficou claro até para aqueles mais leigos que a Química, a indústria e o desenvolvimento de novas tecnologias eram de suma importância para a civilização e para a defesa das nações. Essa foi a alavanca para o Brasil (e para várias outras nações) ao despertar a necessidade de indústrias químicas, de técnicos e de profissionais especializados e gabaritados para atendê-las em solo tupiniquim.

Com relação ao impacto causado pela 2ª. Guerra (durante a mesma e em seu final) pode-se observar um grande “surto” industrial, o que levou à criação de várias instituições e universidades, e, nesse contexto sedimenta-se a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em 1931, acompanhando a trajetória do Professor Athos da Silveira Ramos, encontramos então o início de sua carreira como auxiliar de ensino (voluntário) no Curso de Química Industrial da ESAMV (Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária), onde o mesmo se graduou.

Através do decreto no. 22.338 de 11 de janeiro de 1933, a ESAMV tornou-se subordinada ao “Gabinete do Ministro” e em seguida, sob um novo decreto do mesmo ano (decreto no. 23.016, de 28 de julho de 1933) o curso de química industrial desliga-se da ESAMV e se torna a primeira estrutura da Escola Nacional de Química – ENQ, ainda com vínculos ao Ministério da Agricultura Indústria e Comércio.

O professor Athos da Silveira Ramos, na ocasião, foi convidado a tomar parte na fundação e estruturação da ENQ. A partir desse convite e principalmente devido ao seu currículo voltado às pesquisas sobre pirólise de lipídeos, processo de Fischer Tropsch, condições de temperatura, pressão, catálise, misturas de hidrocarbonatos, hidrogenação e hidrocarbonetos, gasolina e óleos diesel, os estudos do professor Athos naturalmente o conduziram aos cursos que dariam origem ao CENPES (Centro de Pesquisas) da PETROBRAS.

Durante decorrer dos anos de 40 e 50, o professor Athos esteve em universidades européias e americanas mantendo contato com seus respectivos professores. Durante esse período o professor Athos conheceu modelos de cursos de pós-graduação estrangeiros e os comparou com os modelos da ENQ, reformulando então currículo da mesma e assim mudando o título dos formados que por ela passavam.

Foi em 1959, através de proposta do Professor João Cristhovão Cardoso, que o conselho universitário da então Universidade do Brasil (que viria a se tornar a UFRJ), ratificou o surgimento do Instituto de Química.

Pioneiro na Pós-Graduação brasileira, o Instituto de Química foi criado em 1956 e faz parte integrante do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza - CCMN, que reúne atividades de pesquisa, ensino e extensão nas áreas de Química, Física, Matemática, Geologia, Geografia, Astronomia, Ciências Atuariais, Estatística, Meteorologia e Informática, além de contar com o Núcleo de Computação Eletrônica (NCE). O Instituto de Química (IQ) organiza-se em cinco departamentos: Bioquímica (DBq), Físico-Química (DFq), Química Analítica (DQA), Química Inorgânica (DQI), Química Orgânica (DQO), além do Pólo de Xistoquímica "Prof. Cláudio Costa Neto", integrado ao Departamento de Química Orgânica.

A produção científica dos docentes e pesquisadores do Instituto de Química está entre as mais expressivas do país. Centenas de artigos científicos são publicados a cada ano em periódicos indexados de alto índice de impacto. Nos últimos anos, patentes nacionais e internacionais têm sido depositadas por docentes do Instituto de Química. Na última década, o número de teses de mestrado decresceu de forma significativa, enquanto o de doutorado aumentou. Um dos fatores que pode ter contribuído para isso pode estar relacionado à admissão, por parte de alguns programas de doutorado, de alunos recém-graduados, suprimindo a passagem pelo mestrado para os alunos bem qualificados.

A qualidade do corpo discente também é reflexa do Programa de Iniciação Científica desenvolvido no IQ. Os estudantes de Iniciação Científica freqüentam os laboratórios de pesquisas do Instituto de Química na proporção de 03 (três) estudantes de Iniciação por 01 (um) de Pós-Graduação.

Em 2005, o IQ celebrou a defesa de sua 1000ª tese, que aconteceu em 31 de março de 2005, considerando-se dissertações de mestrado e teses de doutorado. Atualmente, o número de alunos matriculados nos programas de pós-graduação está em torno de 415, o IQ-UFRJ oferece cursos de pós-graduação *stricto sensu*: mestrado e doutorado, e *lato sensu*, a especialização Ensino de Química, e conta, atualmente, com os seguintes programas de Pós-Graduação:

Programa Conceito CAPES:

- Química 7 (sete)
- Bioquímica 4 (quatro)
- Ciências de Alimentos 5 (cinco)
- Tabela 1 - Programa de pós-graduação

2.2 A BIBLIOTECA PROFESSOR JORGE DE ABREU COUTINHO E SUA MISSÃO⁵.

Com um breve histórico da Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho, passando por sua missão e seu objetivo institucional, será demonstrado abaixo

“A Biblioteca Professor Jorge de Abreu Coutinho, do Instituto de Química da UFRJ, foi fundada em 1969, incorporando todo acervo da área de química da Biblioteca da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1979, [e] passou a integrar o Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI) da UFRJ.

A Biblioteca atende em média 120 usuários por dia e é composta de um acervo com cerca de 4000 livros que contemplam os assuntos de química, educação em ciências e história das ciências, obras de referência e mais ou menos 2700 teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação oferecidos pelo Instituto de Química da UFRJ.

Conta, ainda, com os seguintes serviços:

- Orientação e treinamento sobre o uso das coleções do acervo, incluindo o treinamento nas Bases de Dados do Portal de Periódicos Capes;

⁵ BIBLIOTECA JORGE DE ABREU COUTINHO. Disponível em: <<http://www.siglinux.nce.ufrj.br/~bib2iq/>>, Acesso em: maio de 2012.

- Empréstimo domiciliar;
- Empréstimo entre bibliotecas;
- Assistência aos usuários;
- Normalização técnica de teses e dissertações com orientação da produção de ficha catalográfica (Manual para normalização de teses);
- Consulta local ou à distância, através da Base Minerva;
- Comutação bibliográfica – obtenção de cópias de artigos de periódicos em bibliotecas brasileiras e internacionais.

A preocupação com a manutenção do acervo do Instituto de Química encontra respaldo na lei nº 8.394, de 30 de dezembro de 1991, que dispõe sobre a preservação, organização e proteção dos acervos documentais privados dos presidentes da República, podendo ser aplicada à presente situação, dada a importância do acervo em questão.

[A missão da Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho é] “... Promover o acesso e uso das fontes de informação na área de Química e áreas correlatas, visando contribuir com a produção e disseminação do conhecimento nas atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFRJ.”

Tendo como objetivo institucional:

- Contribuir, de forma eficaz, no cumprimento da missão da instituição;
- Atender os usuários de forma ágil e eficiente;
- Dar suporte bibliográfico à comunidade acadêmica e externa;
- “Oferecer um ambiente de harmonia e liberdade favorável para o aluno aperfeiçoar, aprofundar e complementar o que aprendeu em sala de aula.”

2.3 LIVROS RAROS NA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE QUÍMICA

A seção de Obras Raras da Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho (SEORAS) está situada fisicamente no quinto andar do prédio do Centro de Tecnologia, pertencente ao Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro no Campus da Ilha do Fundão. A SEORAS, em futuro próximo, estará acessível aos docentes, discentes, da UFRJ e outras instituições, assim como a todos os pesquisadores interessados na história do ensino da Química no Brasil.

Com o passar dos tempos, a Biblioteca vem recebendo doações de obras de acervos particulares de professores da instituição, onde se encontravam guardadas e “protegidas” dos usuários, sem nenhum tratamento técnico e conhecimento da comunidade de química. Essas doações exigiram o estabelecimento de uma metodologia para o reconhecimento dessas obras e do estabelecimento de critérios de raridade.

O início da formação da SEORAS surgiu com a proposta de uma estagiária do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da UFRJ. Constituiu-se então o embrião desse setor, a partir de livros que se encontravam encaixotados e guardados em um balcão na sala de processamento técnico. A origem dos livros ainda não está definida, sabe-se que alguns deles vieram da Biblioteca da Escola Politécnica da UFRJ. São aproximadamente 1000 itens prontos para uma possível identificação de raridade específica para a área de química. Foram selecionados em torno de 400 livros que ainda estão no processo de identificação.

Deve-se ressaltar que a participação de alguns docentes, bibliotecários, a bibliotecária-chefe, e especialistas em Química do Instituto de Química, foi de suma importância para o desenvolvimento da ideia inicial da presente pesquisa.

A seção de Obras Raras da Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho (SEORAS), teve início em 2013, é constituída de material bibliográfico específico de química, que se compõe de obras na língua Francesa, tendo alguns exemplares na língua inglesa e ainda alemã – livros cobrindo o século XIX a XXI, estando eles na sua grande totalidade em bom estado. Os futuros itens que comporão esse acervo passarão pelo crivo dos novos critérios de raridade e serão selecionados segundo os parâmetros estabelecidos neste trabalho.

O acervo da SEORAS será composto por livros com características de raro, precioso, ou outras qualidades definidas pelo escopo do trabalho apresentado, buscando sempre o assessoramento de especialistas na área, podendo incluir obras antigas, mas também obras únicas, inéditas, ou parte de edições especiais, encadernações de luxo, ilustrações especiais ou mesmo com autógrafo de personalidades célebres e ainda edições comemorativas em formato de luxo ou personalizadas; edições que tenham a participação dos fundadores da instituição; edições contendo reação química não mais publicada e ainda usada pela da instituição; reações químicas; fórmulas e teorias antigas; livros de autoria dos fundadores ou de professores de projeção; exemplares autografados por autores renomados da área.

Esperamos que se inclua a este acervo livros com a documentação histórica do próprio Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujas ações impactam tanto na vida e costumes de diferentes épocas de nosso estado e país.

3 CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAÇÃO DE OBRAS RARAS NA BIBLIOTECA JORGE DE ABREU COUTINHO

3.1 A QUÍMICA EM OUTRAS INSTITUIÇÕES NO BRASIL

Antes de falar sobre os critérios da Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho, vamos citar outras bibliotecas em que fizemos pesquisa para raridade de livros de Química.

Na UNICAMP, na área de Química, os livros considerados raros resultaram de acervos adquiridos pela Unicamp e do garimpo em sebos.

Na *home page* da UNICAMP, um breve relato explica o que é a moderna Biblioteca do Instituto de Química (BIQ), espaço dedicado a periódicos, com uma sala com parede envidraçada em cuja porta, mantida fechada, uma placa alerta para o seu particular conteúdo: Obras raras. Ao longo de três paredes, estantes não muito altas, ostentam encadernações e brochuras de aspecto vetusto. Os passos suaves dos frequentadores e o silêncio do entorno parecem reverenciar um acervo que ajuda a entender um pouco da história da química.

Nos ‘web sites’ pesquisados, como: *rare books in chemistry*, *SciELO - Scientific Electronic Library Online*, entre outros, não foi encontrado nenhum catálogo de títulos raros da área de Química. Na busca encontram-se citados vários livros que não são do assunto.

A Universidade de São Paulo (USP) em comemoração aos seus 75 anos, disponibilizou novas obras para consulta em sua Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais, em fase de formação. Entre os livros, obras anteriores à sua fundação, como textos do século 15 e 16. Busca realizada em abril de 2014 trouxe 38 títulos em várias áreas do conhecimento, obedecendo aos critérios de antiguidade, valor histórico e inexistência de novas impressões ou edições do título. Alguns desses foram digitalizados integralmente e estão disponíveis para consulta ou impressão para uso não comercial, enquanto outros tiveram apenas suas capas digitalizadas. O professor Aécio Pereira Chagas, aposentado do Instituto de Química da USP, prefere denominar a coleção especial de “obras históricas”, pro serem múltiplas, variadas e muitas vezes imprecisos os critérios utilizados para a caracterização efetiva do que sejam obras raras. Aécio, como é comumente chamado, conhece todos os meandros da BIQ, que ajudou a formar. Identifica os livros e as coleções de periódicos pela lombada e só encontra alguma dificuldade quando a encadernação danificada foi refeita.

Não poderia deixar de mencionar a Biblioteca de Obras Raras (BOR) do Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro que disponibiliza a seus usuários um valioso acervo, que é composto por livros, periódicos, folhetos, manuscritos, infólios, entre outros.

Os acervos abrangem obras dos séculos XVII ao XX, nacionais e estrangeiras, com predominância da língua francesa. O acesso aos catálogos é feito através da Base Minerva que integra as coleções de todas as bibliotecas da UFRJ. A relevância deste acervo se dá, sobretudo, pela importância científica e institucional. São encontradas relevantes e importantes obras de grandes cientistas como: Issac Newton, Lavoisier, Laplace, Prony, Euler, Delambre, Monge, Gass, Curie, etc., além de coleções valiosas da memória de algumas das principais Academias de Ciências do mundo, como as de Paris, Lisboa e Berlim. Possui também obras significativas da Memória da Engenharia e das Ciências brasileiras e universais.⁶

Igualmente lembramos o estabelecimento por Cunha, na FBN, em 1984 e pelo Planor, da mesma instituição:

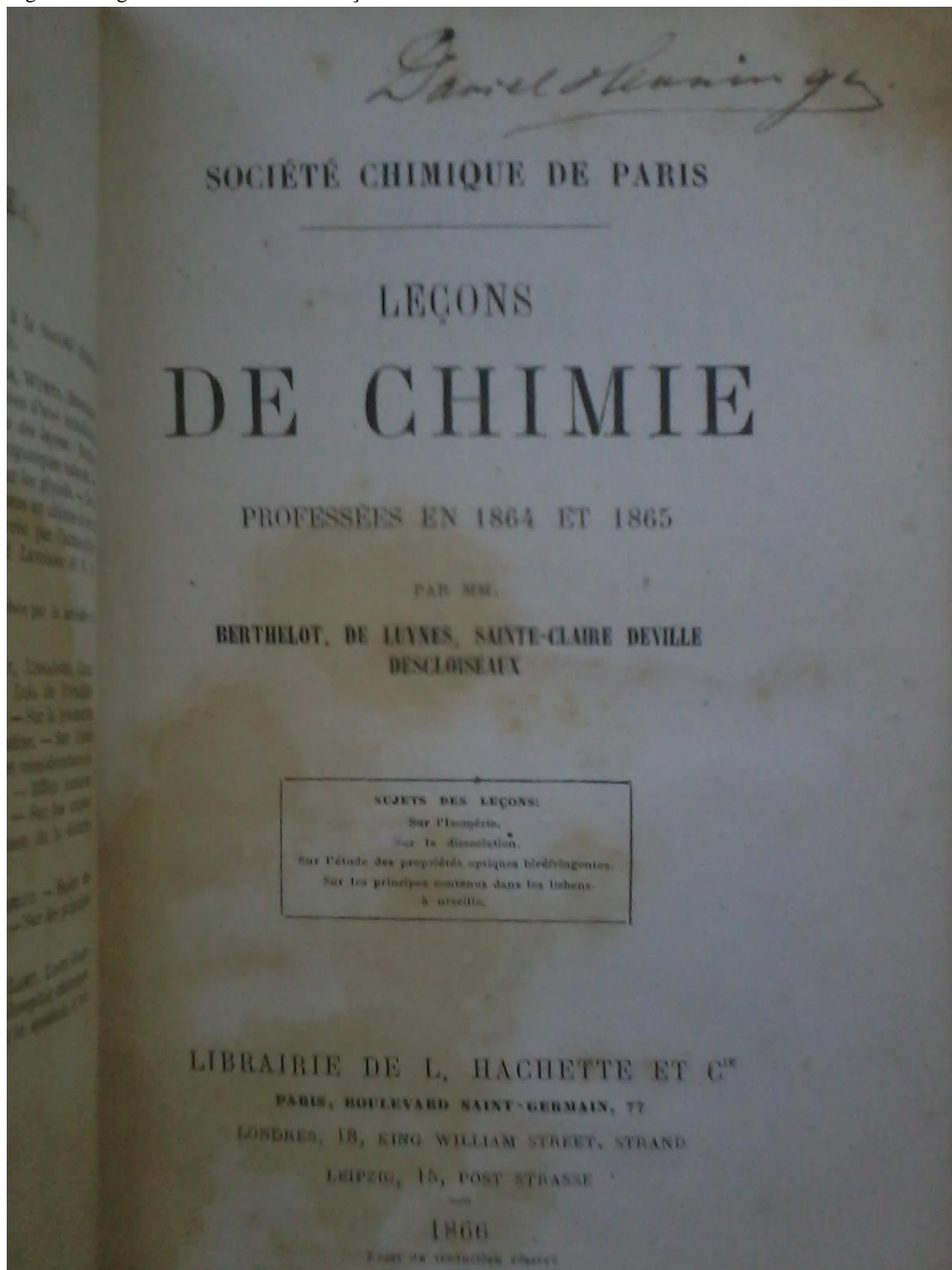
“Como já colocamos deve-se ponderar, que conforme interesses específicos de bibliotecas e/ou colecionadores, outros critérios podem e devem ser acrescidos. Entretanto a classificação de qualquer obra dentro destes padrões exige um apoio bibliográfico, i.e., consultas a bibliografias, catálogos especiais com descrição de exemplares, conhecimento de história do livro e outras fontes de informação e referência”. (BN, [n.p])

Exemplificando o que foi dito utilizamos especialistas da área de Química, como fonte de referência para o estabelecimento de critérios de raridade de livros nesse campo. Trata-se do Prof. Carlos Alberto Lombardi Filgueiras que possui graduação em Engenharia Química pela Universidade Federal de Minas Gerais (1967), doutorado em Química pela Universidade de Maryland (1972) e pós-doutorado pela Universidade de Cambridge (1980-1981), além de estágios curtos em várias universidades do Brasil e do exterior. Foi por muitos anos professor da Universidade Federal de Minas Gerais (1968-1997) e professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (de 1997 a 2010), como apaixonado pelo assunto e pela pesquisa histórica, identificou algumas obras como raras, *Leçons de chimie química* de 1866 do autor Luynes de Berthelot, (Figura 1). Para a avaliação desta obra como livro raro, os critérios adotados foram: Data de publicação, Assinatura e Avaliação de acordo com a Biblioteca Gállica (França); *Manipulations de chimie* de 1886 da autora Émile Jungfleisch, (Figura 2). Nesse livro os critérios adotados foram: Data de publicação; Marca da editora na página de rosto e Avaliação de acordo com a Biblioteca Gállica (França). *Leçons de chime*

⁶ UFRJ. Disponível em: <<http://www.ct.ufrj.br/bor/historia/historia.htm>> Acesso em: 03 abr. 2014.

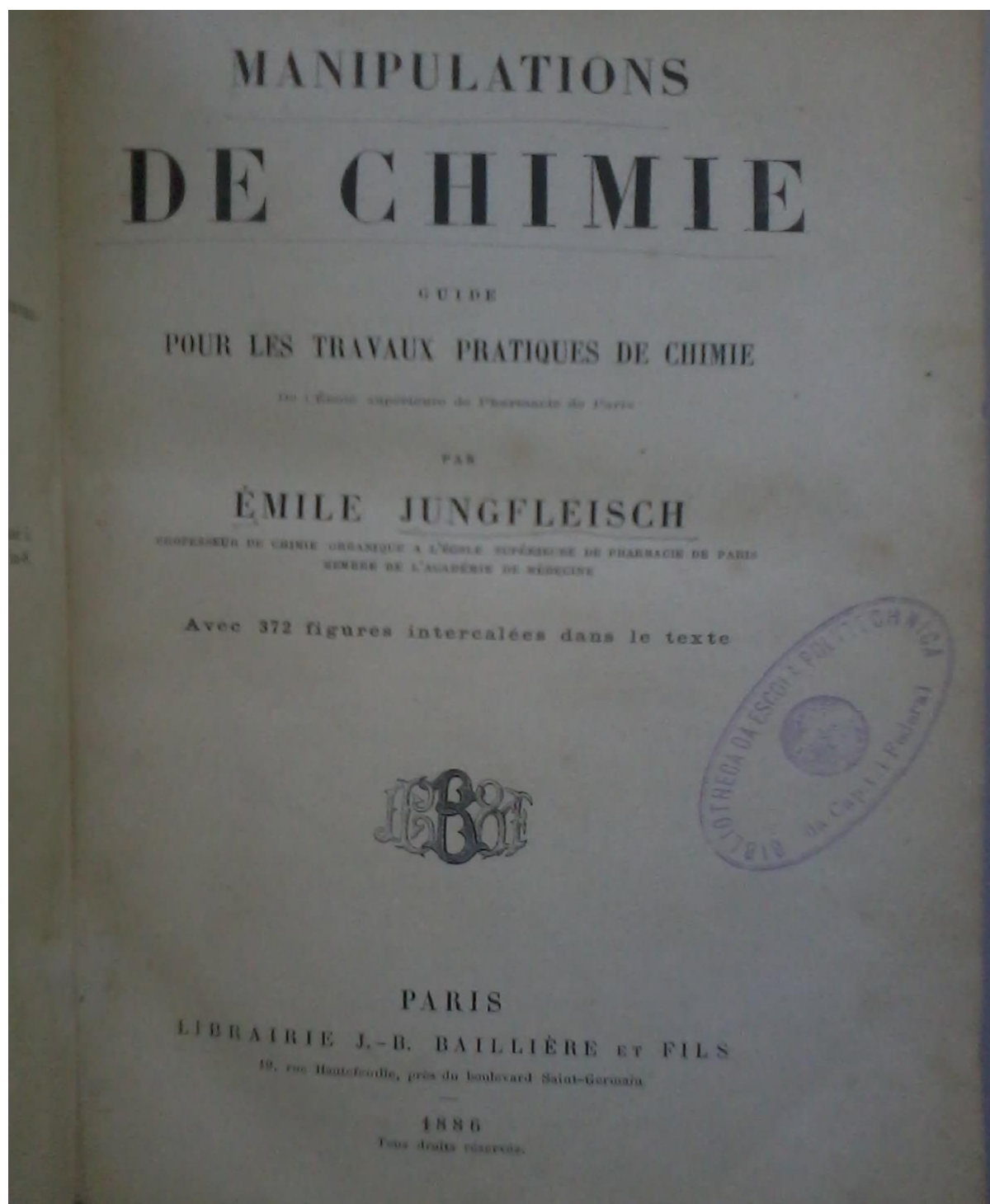
generale de 1898 do autor Schutzenberger, P. (Figura 3). Nesse adotamos os seguintes: Data de publicação, Assinatura e Avaliação de acordo com a Biblioteca Gállica (França).

Figura 1: Página de Rosto do Livro *Leçons de Chimie*



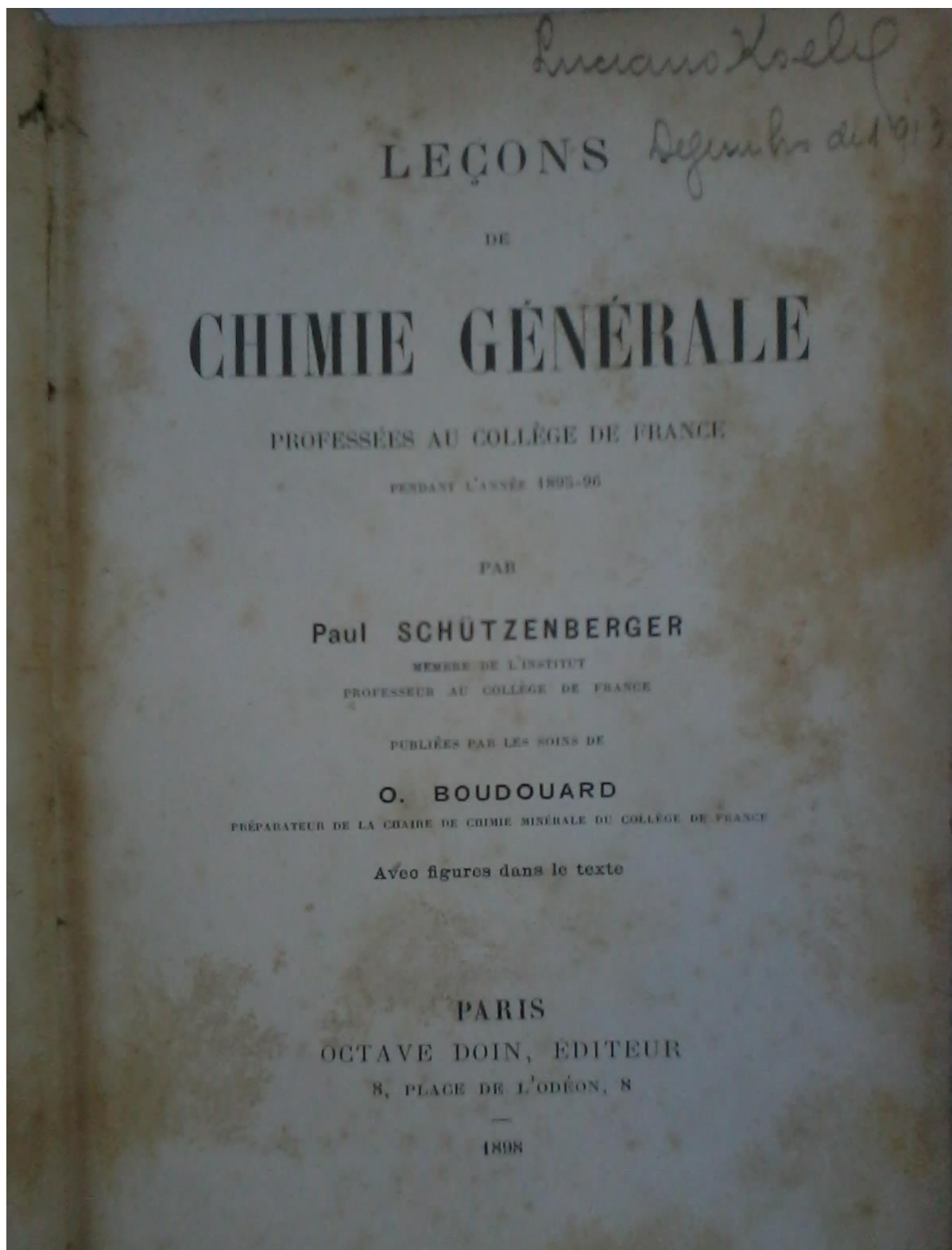
Fonte: Autor.

Figura 2: Página de Rosto do Livro *Manipulations de Chimie guide par les travaux pratiques de chimie*.



Fonte: Autor.

Figura 3: Página de Rosto do Livro *Leçons de Chimie Générale*.



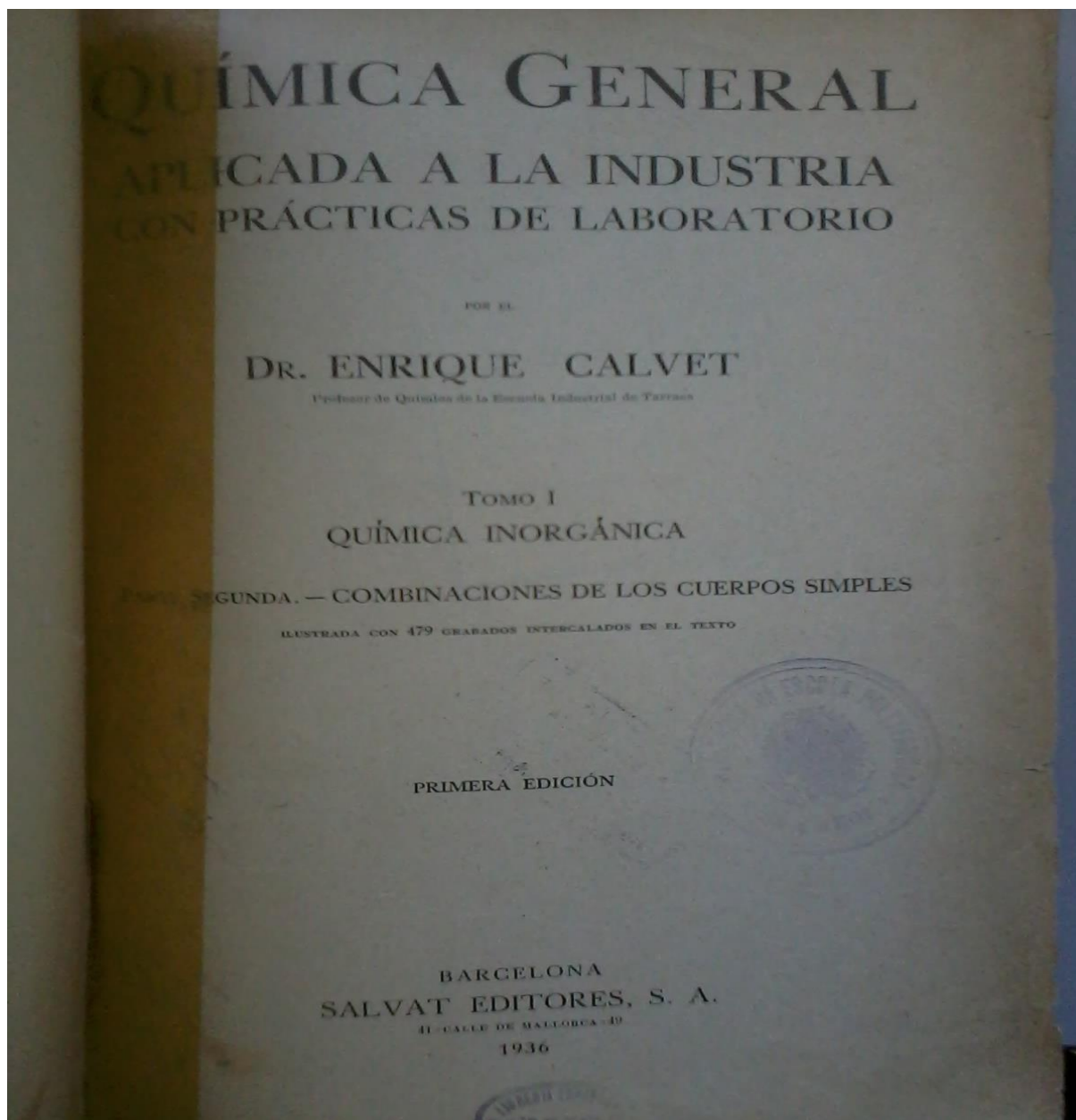
Fonte: Autor.

Esses livros encontram-se na Gallica⁷ e na BOR⁸, embora não saibamos ainda os critérios utilizados.

⁷ <http://gallica.bnf.fr/>

Sob outro ponto de vista, o Dr. Roberto de Barros Faria atualmente professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro do Conselho Editorial da Revista “Química Nova”, identificou no acervo, o livro *Química general: aplicada a la industria com practicas de laboratorio* de 1936 do autor Calvet, Enrique. (Figura 4). A avaliação desta desse livro contou com seguintes critérios: Professor renomado do IQ apontou no livro reação química que não é mais publicada atualmente e Primeira edição.

Figura 4: Página de Rosto do Livro *Química General Aplicada a la industria com prácticas de laborarorio*.



Fonte: Autor.

⁸ <http://www.ct.ufrj.br/bor/historia/historia.htm>

Ele reconheceu o livro através da biblioteca particular de seu pai, livro este que contém técnicas importantes ainda utilizadas em laboratório que não são atualmente descritas na literatura recente da área.

Conforme dito no capítulo inicial deste estudo, os critérios norteadores foram os da Fundação Biblioteca Nacional. Da mesma forma, esses foram os critérios para a seleção do material bibliográfico no Instituto de Química.

3.2 CRITÉRIOS PARA O INSTITUTO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

De acordo com a proposta deste trabalho cujo escopo visa pontualmente estabelecer os critérios iniciais para identificar obras raras no contexto do Instituto de Química (IQ) da UFRJ e de sua biblioteca (Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho) (BIQ), entendemos que tais critérios (parâmetros) que nos ajudarão fundamentando as decisões de quais itens são raros e especiais, têm sim, sua relevância ressaltada na tarefa do “garimpo” dos itens que procuramos. É esse o propósito.

O que se busca é, além dos livros raros na área de química, também livros identificados como raros através de informações históricas (de pessoas, fatos e contextos) que dizem respeito e têm importância específica para nosso IQ e para nossa BIQ. Buscamos estabelecer critérios que nos ajudem a identificar obras cujas características condigam com a importância de toda a história da química, do IQ e da BIQ.

É certo que os critérios de raridade aqui apontados como de importância para o Instituto de Química e para a Biblioteca Jorge de Abreu Coutinho vêm compostos pelas peculiaridades que envolvem profissionais de renome na área da química que em algum momento de suas vidas deixaram marcas históricas tanto no IQ quanto na BIQ, assim como ajudaram sendo eles mesmos parte da construção da história do conhecimento em Química, o quê dá forma a este Instituto.

Desse modo, percebemos que as características específicas da história do IQ e da BIQ são atravessadas pelas histórias dos profissionais que pelo IQ passaram, dos profissionais que ali

se formaram e mais tarde voltaram como renomados professores envolvidos no processo de formar outros mais. Essas características são “pedacinhos” de fatos, de legado de químicos importantes, descobertas importantes, autores importantes na área da Química, que contribuíram com enormes doações ao acervo, e de tantos outros acontecimentos de destaque que fizeram estabelecer à química enquanto área do conhecimento relevante no Brasil.

Esse conteúdo é ímpar, é especial, é único, é da história do IQ, não podendo ser de nenhum outro lugar, não sendo de nenhuma outra instituição, não sendo comum a nenhuma outra biblioteca, por que é a essência da história de um lugar, e é daí que estamos tentando retirar, filtrar a essência para entender o quê faz raro ou não cada item, cada livro, que avaliamos. É dessa essência que estamos formulando critérios para caracterizar o item não só no seu conteúdo, sua data antiga, mas sim resgatar histórias que ele nos conta através das tantas mãos pelas quais passou para estar nas nossas agora.

Gauz (1991, p.24) ressalta que "pessoas leigas podem ser importantes para estabelecer critérios de raridade, se conhecem o assunto". O contexto é outro, mas acreditamos que pode ser igual na nossa pesquisa. Assim, pressupomos que especialistas da área são ainda mais capazes.

Com o apoio dos especialistas do Instituto, desenvolvemos e propomos critérios de raridades específicos para a Química.

3.2.1 CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DIRECIONADOS AO ACERVO RARO DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE QUÍMICA:

De acordo com a leitura analítica dos conteúdos oferecidos pelas instituições: FBN, UFRJ, UFF, UFMG e UFRS foram destacados como pertinentes ao contexto do acervo da BIQ, os seguintes critérios de raridade:

Se nos perguntarmos o que foi a motivação para todo este trabalho, qual seria a resposta? O que gerou a busca por todas as informações aqui registradas que nos servem de embasamento para a elaboração de critérios de raridade para o IQ e a BIQ que abriga seu acervo bibliográfico?

O surgimento da coleção de livros que a princípio pareciam apenas antigos suscitou a possibilidade que, dentre eles pudesse haver algo de valor diferenciado. A coleção antiga doada à BIQ foi a mola mestra para o surgimento dos questionamentos em torno de como tratá-la e, que, por conseguinte, gerou a necessidade da busca de embasamentos informacionais sobre como proceder esse tratamento e com quais ferramentas se poderia contar...

A situação em que a coleção de livros “antigos” doados à BIQ sugeria intuitivamente quando a vislumbrávamos que ali havia livros raros. Esta percepção permeia naturalmente o olhar do profissional que se debruça sobre a questão de como reconhecer e como conceituar um livro de valor diferenciado. Para ratificar o julgamento que havia de ser feito para cada livro, ficou clara a necessidade de ferramentas de trabalho que viabilizassem as tarefas.

Onde encontrar essas ferramentas? Elas ainda não existiam com as especificidades as quais a coleção exigia, devido às suas características exclusivas.

Era preciso buscar um ‘know how’ ainda não delineado, era preciso traçar uma estratégia em busca de embasamento informacional sobre o ‘como fazer’...

Essa busca, a obtenção das fontes de informação utilizadas, o modo como foram utilizadas e o que foi gerado à partir desses esforços compõe o próprio discurso aqui exposto

O passo a passo para a elaboração dos critérios específicos para atender às necessidades de tratamento da coleção encontrada no IQ está relatado nesse trabalho. Foi à partir da percepção de que a ferramenta procurada ainda não se encontrava pronta, que buscamos nos escritos da FBN e de outras universidades, parâmetros, exemplos, recomendações para por em prática as tarefas de avaliação dos livros potencialmente raros. A busca por informações que fundamentassem a estruturação dos critérios necessários explicitados aqui traduziu-se na pesquisa e por fim no resultado: os critérios delineados para a BIQ.

Durante todo esse processo, a todo instante era perceptível que, embora as informações sobre critérios de raridade fornecessem um ‘norte’ nunca eram exatamente o que se encaixava com as características específicas dos livros que precisavam ser analisados. A reflexão sobre esse fato fez perceber que obviamente uma coleção com características únicas precisariam de ferramentas únicas, customizadas para que pudéssemos tratar seus itens.

Um acervo quando é especializado não só o é por ser de uma determinada área específica do conhecimento e sim também por abraçar as características do contexto, do local onde se insere, tornando assim inválida qualquer tentativa de copiar literalmente formas de tratá-lo como outras unidades de informação fizeram.

O que se considerou válido realmente compartilhar foram as características ímpares dos passos trilhados para se construir a ferramenta que não se possuía. Como fizemos? Onde buscamos? Por que foi preciso adaptar as informações encontradas? O que pudemos retirar e aproveitar dos relatos e recomendações de outras instituições? Quais adaptações foram feitas? Como foram feitas?

Todos esses questionamentos foram registrados e discutidos aqui e percebeu-se a importância em descrever a ordem das coisas como surgiram e a ordem dos passos dados em busca da solução para as demandas encontradas. Primeiro veio o acervo em si, depois fez-se a necessidade de tratá-lo.

Qual foi o “o caminho das pedras”? Buscamos embasamento teórico de autores renomados em termos de livros raros e buscamos a instituição que é referencial no Brasil em acervos raros, a FBN e buscamos fundamentos em instituições de características similares contexto com o qual lidamos o ambiente universitário. O que surgiu desse somatório foi um ‘mix’ das informações adquiridas com informações peculiares no contexto do IQ e da BIQ, o que nos forneceu as nuances específicas necessárias para criarmos nossos próprios critérios de raridade. Não há termo de equivalência exato, delimitado entre o que já existe e o que está sendo criado, por que cada contexto que gerou cada informação é único. Então cada produto é único.

Os critérios de raridade aqui apresentados não pretendem carregar qualificações melhores, ou não, apenas são diferentes, direcionados à uma situação pontual, a da BIQ e seu acervo, que está emoldurado pelo escopo do IQ.

Abaixo, ao tomarmos contato com os critérios mais específicos delineados para a BIQ fica patente que os fatores que tangem o contexto da nossa instituição, que é o IQ, estão fortemente presentes:

- Edições comemorativas em formato de luxo ou personalizadas do Instituto;
- Edições que tenham a participação dos fundadores da instituição;
- Edições contendo práticas não usadas mais pela instituição; reações químicas; fórmulas e teorias;
- Livros de autoria dos fundadores do Instituto ou de professores de projeção;

3.2.2 CRITÉRIOS GERAIS DIRECIONADOS AO ACERVO RARO DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE QUÍMICA:

Com relação aos critérios gerais, estes são mais abrangentes, direcionados àqueles livros que possam possuir características de raridade em consonância maior com a área do conhecimento “Química”, e não unicamente consideradas raras por motivos ligados ao IQ ou a BIQ propriamente ditos”.

- Todos os impressos da área de Química do século XV, XVI, XVII e XVIII;

- Primeiras edições de livros da área de Química do século XIX;
- Todos os impressos que assinala, no Brasil, o início da produção em determinado local na área de Química;
- Autores brasileiros de projeção nacional e/ou internacional da área de Química;
- Autores premiados da área;
- Livros brasileiros e estrangeiros que contenham experimentos, invenções e descobertas significativas.

3.2.3 CRITÉRIOS BASEADOS NA CARACTERÍSTICA DO EXEMPLAR RARO DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE QUÍMICA:

Os critérios aqui listados foram delimitados de acordo com a observação dos livros da ‘coleção rara’ da BIQ que já foram examinados. Esses critérios têm embasamento principalmente nas recomendações da FBN.

- Exemplares com marcas de propriedade (*ex libris*, *super-libris*, marcas de fogo, etc.) pessoas renomadas;
- Exemplares com marcas de livreiros, encadernadores, restauradores, etc., renomados ou considerados no mercado livreiro;
- Exemplares com anotações manuscritas importantes.
- Exemplares autografados por autores renomados da área.

A relação entre as obras raras e os critérios de raridade que as identificam é permeada por julgamentos que devem ser flexíveis. Por quê? Pelo fato de cada livro e cada contexto ser único em suas características.

Cada contexto é composto de suas características únicas, Critérios de raridade gerados do somatório de pesquisa teórica somados às características contextuais da instituição que abriga a coleção jamais se enquadrarão milimetricamente dentro dos conceitos pré-estabelecidos para critérios de raridade de outras instituições.

Na ocasião da criação de critérios para avaliação da raridade de um livro entram em atuação as competências do profissional que o avalia. Eis o diferencial, pois esse profissional precisa ser capacitado, precisa ser detentor de um conhecimento prévio, e deverá ser gabaritado o suficiente para executar essa tarefa. Precisa ainda estar munido de ferramentas eficazes que lhe forneçam o embasamento necessário para delimitar livro a livro o que é raro ou não. Cada caso é tarefa única com julgamentos ímpares, que ainda assim devam estar condizentes com os critérios norteadores gerais e específicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que estabelecer critério de raridade não é uma tarefa simples. Em uma área específica do conhecimento é mais difícil, pois precisa-se saber sobre a área do conhecimento sobre a qual se escolheu trabalhar. As bibliografias e os especialistas são de muita ajuda nesse sentido.

Os critérios da Fundação Biblioteca Nacional serviram de fundamento para grande parte dos critérios de raridade que buscamos aqui estabelecer.

Muitos são os critérios para avaliar e definir se os livros são ou não raros. Conforme visto, algumas instituições utilizam critérios gerais e outras utilizam critérios específicos quase sempre, baseados nos critérios da Fundação Biblioteca Nacional ou variações desses.

Determinar o que é raro dentro de uma biblioteca é de muita relevância, muita importância para a instituição devido às possibilidades de pesquisa histórica por docentes e discentes. A gestão de coleções raras e especiais, no contexto das universidades, é ainda um ponto a ser explorado e estabelecido, e tudo isso precisa ser feito em parceria: bibliotecários, especialistas da área, responsáveis pela instituição em questão, e até mesmo historiadores. Somente com um trabalho interdisciplinar poderemos ter a visão do todo. A ferramenta que buscamos delinear é naturalmente composta de características interdisciplinares.

Mais do que isso, há também o olhar da memória. A gestão de coleções raras é parte integrante e fundamental do resgate e salvaguarda da memória, da história da instituição, do setor, do departamento, em fim, de um local que conta sua própria história através de seus legados.

Neste sentido, e também visando agregar valor ao acervo da Biblioteca Jorge Abreu de Coutinho, e dessa forma valorizando diretamente a história do Instituto de Química da UFRJ, está sendo criado o setor de obras raras (SEORAS). Itens específicos encontrados no acervo da nossa BIQ, agora, através do trabalho de identificação de obras raras que começa a ser realizado, passarão pela etapa de identificação de suas características de raridade.

Para viabilizar tal tarefa é que aqui começamos a construção dos critérios de análise de raridade que usaremos para “desvendarmos” cada obra.

Esses critérios não são de forma alguma um ‘pacote fechado’. Eles têm de ser, precisam ser flexíveis por conta das características do trabalho a ser desenvolvido e também das características dos livros que por ventura possamos encontrar.

Novos livros raros ainda estão serão descobertos na coleção que se apresenta, esses livros poderão ser antigos ou até mesmo recentes e raros por conta de características especiais.

Esses livros do por vir poderão até mesmo não ser raros agora, e no futuro adquirirem características de raridade de acordo com as histórias daquele que o possuiu ou que o concebeu. Esses livros poderão vir a ser raros por conta das histórias de pessoas que amanhã não pertencerão mais ao IQ, ou por conta das histórias de pessoas que virão fazer parte da história do IQ, misturando suas histórias à história do instituto.

A história de um lugar, de uma pessoa, de uma existência está em constante mutação. Um livro que hoje é raro, no momento em que foi concebido não carregava a menor pretensão de no futuro adquirir valor diferenciado. Seu autor certamente não vislumbrava isso...

Partindo dessa premissa, entendemos finalmente que uma ferramenta que se preste à função de servir para a avaliação de livros que possam ser considerados raros precisa prever em si

mesma a flexibilidade necessária para abarcar o que possa surgir no futuro. Esse futuro está em construção, então assim também entendemos que os próprios critérios de raridade estarão sempre em construção, constituindo um produto interdisciplinar.

O rascunho de uma aula de hoje pode vir a ser um manuscrito raro amanhã, um livro autografado por um professor atuante hoje poderá adquirir futuramente critérios de raridades...

Isso nos faz entender que a proposta da ferramenta para critérios de raridade da BIQ no IQ (ou em outros contextos) é uma obra em perene construção.

A pesquisa na literatura existente foi e tem sido parte fundamental no estabelecimento dos critérios específicos para verificação de raridade dos itens assim como são base para o entendimento e aplicações dos critérios gerais já determinados e em uso pelas mais diversas bibliotecas.

Desta forma, apontamos os critérios adotados pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade Federal de Santa Catarina. Onde só assinalamos os critérios diferentes dos da Fundação Biblioteca Nacional.

Com a criação de novos critérios de raridade para a Química, esperamos colaborar para a preservação do acervo raro, atender o usuário de forma mais adequada e contribuir para a pesquisa histórica.

Da mesma forma, observamos a necessidade de pesquisa mais profunda na área. Assim, esse trabalho deve ser entendido como uma contribuição inicial para servir de ponto de partida para os próximos estudos.

Esse estudo contribuiu com as experiências profissionais enriquecendo-as na medida em que observamos que o tema “obras raras” ainda está pouco explorado e tem muito a ser desvendado no Brasil. Essa área de estudos ainda está “sob véus”, e a gama de informações a ser consolidada é muito grande e inexplorada, oferecendo vastas possibilidades pesquisas e

realizações. Faltam inclusive, nos cursos acadêmicos, disciplinas específicas que orientem e capacitem o estudante para atuar com todo tipo de material raro, livro e não livro, condizente com acervos bibliográficos, como cartas, manuscritos, mapas, fórmulas, desenhos arquitetônicos, e outros.

O foco do presente trabalho é o livro, e em torno deste, formalizar uma ferramenta de trabalho que funcione como norte para identificação de critérios de raridade. O combustível que propulsionou esta investida foi a paixão (desde criança) por ele, o livro raro.

A importância deste estudo no âmbito da Gestão de Unidades de Informação é sedimentar o valor que existe na identificação do livro raro, o que não necessariamente significa um livro financeiramente caro. A raridade do livro “mora” em vários fatores (como exposto ao longo do trabalho) e, particularmente, grande parte desses fatores envolve questões passionais. É importante que o profissional bibliotecário tenha a sutileza de perceber esses pormenores que muitas vezes passam despercebidos.

No momento em que se viabiliza a possibilidade da formação de uma coleção rara ou especial dentro de uma unidade de informação, passa a existir para a mesma um grande trunfo, garantindo assim sua existência e importância dentro do contexto no qual se insere. Justificar a necessidade da perpetuação da unidade de informação tem sido uma grande preocupação dos gestores das UI's. Um setor de obras raras agrega valor à unidade de informação, trazendo renome à instituição.

Teoricamente, a relação entre as obras raras e os critérios de raridade que as identificam é permeada por julgamentos que devem ser flexíveis. Por quê? Pelo fato de cada livro ser único em suas características, e, as mesmas nunca se enquadrarão milimetricamente dentro dos conceitos pré-estabelecidos de raridade, sejam gerais ou específicos. Nessa ocasião entram em atuação as competências do profissional que avalia a obra, ele deverá ser gabaritado o suficiente, e estar munido de ferramentas eficazes que lhe forneçam o embasamento necessário para delimitar livro a livro o que é raro ou não. Cada caso é tarefa única com julgamentos ímpares, que ainda assim devam estar condizentes com os critérios norteadores.

Sob o ponto de vista político, entendemos que os recursos financeiros para um projeto desta natureza estão estritamente ligados à importância que a instituição e seus gestores dão às questões culturais, de memória, e de preservação da história do instituto em si. A concretização do SEORAS não seria possível se o perfil da gestão do Instituto não valorizasse essas questões. O estabelecimento dos critérios de raridade aqui propostos estão diretamente relacionados à confiabilidade das fontes de informação utilizadas na sua elaboração. A credibilidade dessas fontes de informação é o fator que deverá garantir que esse instrumento se estabeleça como ferramenta funcional e garantida para uso da comunidade bibliotecária em suas unidades de informação e/ou de áreas afins.

REFERÊNCIAS:

ABATTI, Rosana Chaves. OBRAS RARAS EM BIBLIOTECAS JURÍDICAS Monografia apresentada à Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, como parte dos requisitos para obtenção do título de especialista em Gestão de Bibliotecas. FLORIANÓPOLIS, SC 2006. Disponível em: <<http://tjsc25.tj.sc.gov.br/academi.>>. Acesso em 25 jul. 2012.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Divisão de Obras Raras. Planor. **Crêterios de raridade [e] Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional - CPBN: séculos XV e XVI.** Rio de Janeiro: FBN, [2000]. 1 CD-ROM : il. son., color. Sistema requerido: Windows 95. Compact Disc. Sonopress: 17595/00.

CARTERI, Karin Kreismann. O livro raro e os critérios de raridade. Revista Museu: cultura levada a sério, Rio de Janeiro, 2003, p.43-44. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=5484> Acesso em: 23 out. 2012.

CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. A política do livro antigo no exterior e no Brasil. In: **Biblios**. Rio Grande. v.2., p.91-103, 1987.

COELHO, Irene Borget. **Processo de criação e implantação de bibliotecas setoriais nas comarcas do poder judiciário catarinense.** Florianópolis, 2002..p.12. 57f. Monografia (Especialização em Gestão Estratégica no Serviço Público) – Setor de Pós-Graduação, lato sensu, Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

GAUZ, Valéria. Livros raros e preservação: áreas afins em transição. jul. 2008. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=376>. Acesso em 15 out. 2012.

_____. Considerações sobre o uso de Catálogo principal de obras raras na Biblioteca Nacional; subsídios para viabilizar a automação do catálogo principal e otimizar o atendimento ao público local e a outras bibliotecas. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <www.valeriagauz.net>. Acesso em: 15 out. 2012.

MÁRDERO ARELLANO, Miguel Ángel. As coleções de obras raras na biblioteca digital. 1998, p.5. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade de Brasília, 1998. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/archive/00003844/01/Dissert_Arellano.pdf>. Acesso em: maio de 2013.

MORAES, R.B. O bibliógrafo aprendiz. 3 ed. Brasília: Briquet de Lemos, 1998.

PINHEIRO, Ana Virginia. **Que é livro raro?: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica**. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

_____. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições, 2004. Disponível em <<http://www.cadê.com.br.htm>>. Acesso em 23 out. 2012.

_____. Do labirinto ao invisível : a história do livro raro no Brasil. Diálogo Científico, Brasília, 6 fev. 2006. Disponível em:<<http://dici.ibict.br/archive/00000679/01/T020.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2012.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. **Como definir e identificar obras raras: critérios adotados pela biblioteca central da universidade de Caxias do Sul**. <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/725/1759>. 2006. p. 115-121.

SANT'ANA, Rizio Bruno. **Critérios para a definição de obras raras**. Revista Online Biblioteca Prof. Joel Martins, Campinas, v. 2, n. 3, p. 1-18, jun. 2001. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br/revbfe/v2n3jun2001/art01.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

UFF. Disponível em: <http://www.ndc.uff.br/sites/default/files/arquivos/ordemdeservico02_2000.pdf> Acesso em: 03 abr. 2014.

UFMG. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/boletim/obrasraras/criterios_raridade_divisao_colecoes_especiais.pdf> Acesso em: 03 abr. 2014
 UFRJ. Disponível em: <<http://www.ct.ufrj.br/bor/historia/historia.htm>> Acesso em: 03 abr. 2014.

UFRJ. Disponível em: <<http://www.iq.ufrj.br/institucional/historia.html>> Acesso em: 03 abr. 2014.

UFSC. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/design/CriteriosSelecaoObrasRaras.pdf>> Acesso em: 03 abr. 2014.

UNICAMP. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/obras-raras-um-acervo-que-ajuda-entender-hist%C3%B3ria-da-qu%C3%ADmic>> Acesso em: 03 abr. 2014.

USP. Disponível em: <<http://ebooksgratis.com.br/informacao-e-cultura/noticias-usp-disponibiliza-obras-raras-em-sua-biblioteca-virtual/>> Acesso em: 03 abr. 2014.

APÊNDICE 1 – Informações dos registros bibliográficos das obras raras ? encontradas no Instituto de Química da UFRJ

PLANILHA DA BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA DE QUÍMICA DO IQ						
TÍTULO DO LIVRO	AUTOR(SOBRENOME, NOME)	ASSUNTO	LOCALIZAÇÃO	EDIÇÃO	DE PUBLICA	CIDADE
MANIPULATIONS DE CHIMIE	JUNGFLEISCH, ÉMILE	QUÍMICA		J. -B. BAILLIÈRE	1886	PARIS
APONTAMENTOS DE CHIMICA	OLIVEIRA, ALVARO JOAQUIM DE	QUÍMICA		IMPRENSA NACIONAL	1886	RIO DE JANEIRO
ELEMENTS OF CHEMISTRY, INCLUDING THE APPLICATIONS OF	GRAHAM, THOMAS	QUÍMICA		HIPPOLYTE BAILLIÈRE	1842	LONDON
TRAITÉ DE CHIMIE ORGANIQUE APPLIQUÉE	JOANNIS, A.	QUÍMICA		GAUTHIER - VILLARS ; IMPRIMEURS - LIBRA	1896	PARIS
TRAITÉ D'ANALYSE CHIMIQUE QUALITATIVE	FRESENIUS, R.	QUÍMICA		MASSON	1902	PARIS
TRAITÉ ÉLÉMENTAIRE DE CHIMIE ORGANIQUE	BERTHELOT, M. ; JUNGFLEISCH, E.	QUÍMICA		CH. DUNOD	1898	PARIS
MANIPULATIONS DE CHIMIE	JUNGFLEISCH, ÉMILE	QUÍMICA		LIBRAIRIE J. -B. BAILLIÈRE	1893	PARIS
TRAITÉ D'ANALYSE CHIMIQUE QUANTITATIVE	FRESENIUS, R.	QUÍMICA		MASSON	1909	PARIS
CHIMIE ORGANIQUE		QUÍMICA				
ÉQUILIBRE DES SYSTÈMES CHIMIQUES	GIBBS, J. WILLARD	QUÍMICA		GAUTHIER - VILLARS	1899	
RADIOACTIVE TRACER TECHNIQUES	SCHWETTE, GEO. K.	QUÍMICA			SEM DATA	
CHIMICA	COLLEÇÃO F.T.D.	QUÍMICA			SEM DATA	SÃO PAULO
ELEMENTS DE CHIMIE INORGANIQUE	GAUTHIER, VILLARS	QUÍMICA				
PRINCIPES DE CHIMIE	NAQUET, A.	QUÍMICA		F. SAVEY	1913	PARIS
TRAITÉ D'ANALYSE CHIMIQUE QUANTITATIVE	FRESENIUS, R.	QUÍMICA		MASSON	1890	PARIS
LES THEORIES MODERNES DE LA CHIMIE, VOL. 1	MEYER, L.	QUÍMICA		GEORGES CARRE	1909	PARIS
LES THEORIES MODERNES DE LA CHIMIE, VOL. 2	MEYER, L.	QUÍMICA		GEORGES CARRE	1887	PARIS
EPIGEL DER RATER	SEINRDY VON EDJUBERT, GOTTHILF.	QUÍMICA		ERLANGEN	1889	PARIS
TRAITÉ ÉLÉMENTAIRE DE CHIMIE	ENGEL, R.	QUÍMICA		BAILLIÈRE	1854	ALEMANHIA?
TRAITÉ ÉLÉMENTAIRE DE CHIMIE	ENGEL, R.	QUÍMICA		LIBRAIRIE J-B BAILLIÈRE...	1896	PARIS
PRÉCIS DE CHIMIE ANALYTIQUE	DENGES, G.	QUÍMICA		LYON	1896	PARIS
COURS DE CHIMIE ORGANIQUE	GAUTIER, A.	QUÍMICA		MASSON	1898	PARIS
LEHRBUCH DER ANORGANISCHEN CHEMIE	REMY, H.	QUÍMICA			1906	PARIS
LEÇONS ÉLÉMENTAIRES DE CHIMIE MODERNE	WURTZ, M. AD.	QUÍMICA		G. MASSON	1931	GERMANY
TRAITÉ ÉLÉMENTAIRE DE CHIMIE MÉDICALE	WURTZ, M. AD.	QUÍMICA		VICTOR MASSONS	1884	PARIS
LECCIONES ELEMENTALES DE QUÍMICA MODERNA	WURTZ, AD.	QUÍMICA		LIBRERIA RELIGIOSA	1864	PARIS
LEÇONS DE CHIMIE	BERTHELOT, DE LUYNES	QUÍMICA		LIBRAIRIE DE L. HACHETTE ET CIE.	1903	BARCELONA
LEÇONS DE CHIMIE GÉNÉRALE	SCHUTZENBERGER, P.	QUÍMICA		OCTAVE DOIN	1866	PARIS - LONDRES
MANUEL DE TRAVAUX PRATIQUES DE CHIMIE ORGANIQUE	FREUNDLER, P.	QUÍMICA		HACHETTE	1898	PARIS
MANUEL DE TRAVAUX PRATIQUES DE CHIMIE ORGANIQUE, 2ª	FREUNDLER, P. ; MARQUIS, R.	QUÍMICA		LIBRAIRIE HACHETTE ET CIE	1908	PARIS
LA THEORIE ATOMIQUE	WURTZ, AD.	QUÍMICA		LIBRAIRIE FÉLIX ALCAN	1908	PARIS
TRAITÉ ÉLÉMENTAIRE DE CHIMIE	TROOST, L.	QUÍMICA		MASSON ET CIE.	1911	PARIS
TRAITÉ D'ANALYSE CHIMIQUE	SILVA, R.D.	QUÍMICA		G. MASSON	1925	PARIS
CHAMÉ DE MITHODIS ANALYTIQUES DES SUBSTANCES	KRECHEL, G.	QUÍMICA		GEORGES CARRE	1891	PARIS
PRÉCIS DE CHIMIE PHYSIOLOGIQUE	ARTHUS, M.	QUÍMICA		MASSON	1887	PARIS
INTRODUCTION A LA MÉCANIQUE CHIMIQUE	DURHEM, P.	QUÍMICA		MASSON	1913	PARIS
TRAITÉ DE RADIOACTIVITÉ	CURIE, P.	QUÍMICA		GEORGES CARRE	1893	PARIS
LIÇÕES DE CHIMICA	BASIN, J.	QUÍMICA		GAUTHIER-VILLARS	1910	PARIS
TRAITÉ DE CHIMIE ORGANIQUE APPLIQUÉE	JOANNIS, A.	QUÍMICA		LIBRARIA FRANCISCO ALVES	1915	PARIS
CHIMIE GÉNÉRALE, APPLICATION DE LA THEORIE DES IONS S	PAUL PASCAL	QUÍMICA		GAUTHIER-VILLARS	1896	PARIS
LEHRBUCH DER ANORGANISCHEN CHEMIE	DR. HEINRICH REMY	QUÍMICA		MASSON	1952	PARIS
COURS DE CHIMIE, CHIMIE GÉNÉRALE ET MÉTALLOIDES	J. LAMBRAND ; CH. BRUNOLD	QUÍMICA			1932	GERMANY
COURS DE CHIMIE, MÉTAUX (SECONDA PARTIE)	J. LAMBRAND ; H. PARISSELLE	QUÍMICA		MASSON	1936	PARIS
TRAITÉ DE CHIMIE ORGANIQUE (VOL. II)	A. E. TCHITCHIBABINE	QUÍMICA		MASSON	1933	PARIS
COURS DE CHIMIE, CHIMIE ORGANIQUE (3ª PARTE, 2ª EDIÇÃO)	J. LAMBRAND ; H. PARISSELLE	QUÍMICA		HERMAN E CIE	1933	PARIS
ÉLÉMENTS DE CHIMIE ORGANIQUE BIOLOGIQUE	MICHEL POLONOVSKI ; ALBERT LESPAGN	QUÍMICA		MASSON	1938	PARIS
LEACHED OUTCROPS AS GUIDES TO COPPER ORE.	AUGUST LOCKE	QUÍMICA		MASSON	1934	PARIS
TRATTATO DI CHIMICA ANALITICA APPLICATA	PROF. DR. G. VITTORIO VILLAVECHIA	QUÍMICA		THE WILLIAMS E WILKINS COMPANY	1926	BALTIMORE
TRATTATO DI CHIMICA ANALITICA APPLICATA (VOL. I, SECONDA	DOTT. ETTORE MOLINARI	QUÍMICA		EDITORE LIBRAIO DELLA REAL CASA	1922	MILANO
CHIMIE GÉNÉRALE ET INDUSTRIELLE, CHIMIE INORGANIQUE	PROF. DR. G. VITTORIO VILLAVECHIA	QUÍMICA		EDITORE LIBRAIO DELLA REAL CASA	1912	MILANO
CHIMIE GÉNÉRALE ET INDUSTRIELLE, CHIMIE INORGANIQUE	DOCTEUR ETTORE MOLINARI	QUÍMICA		EDITORE LIBRAIO DELLA REAL CASA	1921	MILANO
COURS DE CHIMIE ORGANIQUE (3ª EDIÇÃO)	FRED. SWARTS	QUÍMICA		DUNOD	1920	PARIS
THE FOUNDATIONS OF CHEMICAL THEORY, THE ELEMENTS OF	M. CAVEN	QUÍMICA		DUNOD	1921	PARIS
ANALYTISCHEN CHEMIE	DR. F. P. TREADWELL	QUÍMICA		J. HERMANN ; MAURICE LAMERTIN	1921	PARIS, BRUXELLES
				BLACKIE & SON LIMITED	1929	LONDON ; GLASGOW
				FRANZ DEUTICKE	1914	(NÃO ACHEI)

CRITÉRIOS DE RARIDADE

EMPREGADOS PARA A QUALIFICAÇÃO DE OBRAS RARAS

- 1- PRIMEIRAS IMPRESSÕES (SÉC. XV – XVI)
- 2- IMPRESSÕES DOS SÉCULOS XVII E XVIII
- 3- BRASIL – SÉC. XIX
- 4- EDIÇÕES CLANDESTINAS
- 5- EDIÇÕES DE TIRAGENS REDUZIDAS
- 6- EDIÇÕES ESPECIAIS (DE LUXO PARA BIBLIÓFILOS)
- 7- EXEMPLARES DE COLEÇÕES ESPECIAIS (REGRA GERAL COM BELAS ENCADERNAÇÕES E EX-LIBRIS)
- 8- EXEMPLARES COM ANOTAÇÕES MANUSCRITAS DE IMPORTÂNCIA (INCLUINDO DEDICATÓRIAS)
- 9- OBRAS ESGOTADAS

1- PRIMEIRAS IMPRESSÕES - (SÉC. XV – XVI)

O critério cronológico já determina a raridade da obra. Em meados do século XV, na cidade de Mogúncia, Gutenberg introduz os tipos móveis fabricados em metal. O início da tipografia está ligado à descoberta deste processo. O primeiro livro impresso no mundo data de 1455? – Bíblia de Gutemberg, conhecida como a Bíblia de 42 linhas. Os que se seguiram até 1500 são denominados Incunábulos. É interessante conhecermos algumas particularidades dos primeiros livros impressos.

Nos incunábulos, os impressores deram continuidade aos costumes dos escribas que iniciavam as suas obras com o *Incipit*, que significa “aqui começa”, contendo muitas vezes o nome do autor e o título da obra.

Outra característica herdada do livro manuscrito é o *Explicit*, informação que aparece no final dos primeiros livros, fornecendo, algumas vezes, o nome do autor e o título da obra. Significa “aqui termina”.

Como podemos observar, as informações sobre o lugar de impressão, nome do impressor e a data de publicação não eram fornecidos. Este fato só ocorreu com a aparição do Colofão, palavra grega que significa “traço final”, que além das informações sobre o autor e o título da obra, informava o local, o impressor e a data de publicação.

A Divisão de Obras raras da Fundação Biblioteca Nacional possui em seu acervo 216 incunábulos, sendo o mais antigo a Bíblia de Mogúncia impressa por Fust e Schoeffer em 1462.

CARACTERÍSTICAS DOS INCUNÁBULOS

- ☞ Ausência de página de rosto.
- ☞ Incipit
- ☞ Explicit
- ☞ Colofão
- ☞ Caracteres góticos
- ☞ Textos compactos
- ☞ Largo uso de abreviaturas
- ☞ Iluminuras
- ☞ Xilogravuras
- ☞ Texto em duas colunas
- ☞ Não paginados, às vezes folheados
- ☞ Emprego de glosas
- ☞ Registros
- ☞ Assinaturas
- ☞ Reclamos
- ☞ Grandes formatos (in-folio)
- ☞ Texto em latim (3/4 das obras)
- ☞ Livros litúrgicos (a maioria), literatura antiga e obras jurídicas (1/10 da produção)
- ☞ Papel de trapo, grosso, desigual e de cor amarelada.

Produção do século XV: aproximadamente 30.000 ou 35.000 edições em cerca de 20 milhões de exemplares.

Como já vimos, os antigos impressores seguiram o costume dos escribas e por esse motivo verificamos a falta de uma página de rosto com as informações sobre autor, título e imprensa.

A página de rosto foi se desenvolvendo devagar, com a evolução do colofão. O traço final foi separado do texto e colocado no início do livro numa página independente.

Em meados de 1476 ou 1478, os títulos dos livros começam a ser imprimidos numa página separada. Esse novo hábito se consolidou entre os últimos trinta anos do século XV e o início do século XVI.

A partir do século XVI, a imprensa se propaga com grande rapidez e substitui o manuscrito no que se refere aos livros comuns.

No final do séc. XV e início do século XVI, a tipografia marcou definitivamente, aumenta o número de adeptos ao livro impresso, e verifica-se o declínio na arte do copista. Muitos dos antigos calígrafos se transformam em impressores.

A arte brilhante e alegre da Renascença vai influenciar a apresentação gráfica do livro e da encadernação. A tipografia passa a ser uma arte. Os grandes tipógrafos pertencem aos séculos XV e XVI. Destacamos Aldo Manucio (Veneza), Henri Estienne (França), Christoph Plantin (Antuérpia) entre outros.

Os grandes impressores sempre tiveram suas *marcas* que são como que a assinatura identificadora e autenticadora que acrescentavam aos seus trabalhos tipográficos. Tinham o costume de registrar no colofão ou na página de rosto de suas obras, suas insígnias com florão ou objetos simbólicos.

Usavam iniciais justapostas ou entrelaçadas, formando monogramas; criavam emblemas, ornamentos e uma variedade de composições artísticas. Existiam grandes variedades de marcas, representando alegorias, animais reais ou fantásticos, plantas, flores, ordens religiosas, ordens filosóficas, etc.

As marcas tipográficas eram geralmente compostas de: Insígnia, Divisa, Monograma.

Os ornamentos e marcas de impressores aparecem nas páginas de rosto no século XVI. Também neste século foi instituído o privilégio, concessão outorgada pelo soberano, e a censura, concessão dada pelas autoridades eclesiásticas e governamentais que concediam ao impressor o direito de imprimir uma determinada obra.

TIPOS DE CENSURA

☞ *Privilégio*

☞ *Imprimatur*

☞ *Nihil Obstat*

☞ Licença do Santo Ofício

☞ Licença do Ordinário

☞ Licença Tríplice

O século XVI marcará a passagem na ilustração da xilogravura para a gravura em metal.

2 - IMPRESSÕES DOS SÉCULOS XVII E XVIII

No século XVII, a edição de uma obra se transforma em indústria e o livro em objeto de comércio.

Neste século aparecem os grandes nomes da literatura: Cervantes, Shakespeare, Molière, entre outros.

A instalação do estabelecimento oficial para tipógrafos, gravadores, impressores acontece e podemos citar como exemplo: Typographie Royale (França), Oficina da Universidade de Oxford (Inglaterra); Oficina dos Plantin (Antuérpia) e dos Elzevieres (Holanda).

Os primeiros periódicos surgem com o “Mercure de France” em 1605, e em 1609 o “Avisa relation oder zeitung” (Estrasburgo).

No século XVIII, os livros impressos se destacaram mais pelas ilustrações do que pelo texto em si.

Os gravadores franceses do século XVIII, além das ilustrações que faziam, contribuíram para a decoração dos livros nas páginas de rosto gravadas, nas cercaduras e letras iniciais, etc. O mentor dessa escola de decoração foi Pierre Choffard, como podemos observar na edição dos “Contes de la Fontaine”, 1762, e na “Metamorphoses de Ovídio” impressa entre 1767 e 1771. Com a Revolução Francesa esta escola sumiu quase que totalmente.

Na Inglaterra, John Baskerville se sobressaiu como tipógrafo fabricando seus tipos, como também, o primeiro papel velino. O processo de impressão de Baskerville era original em muitos aspectos e tudo era feito com muito cuidado e dedicação.

Baskerville influenciou o desenvolvimento da tipografia na Europa, principalmente na obra dos Didot, a famosa família francesa de impressores. Giambattista Bodoni, impressor italiano que muito contribuiu para o progresso da tipografia, no século XVIII, diretamente e por intermédio dos Didot, foi influenciado também com o estilo tipográfico de Baskerville.

Não podemos esquecer de citar, neste século, o grande tipógrafo espanhol, Joaquim Ibarra, que sendo tipógrafo do rei de Espanha descobre a maneira de alisar o papel impresso para fazer-lhe desaparecer as pregas e dar-lhe um aspecto mais agradável.

3 - PRIMEIRAS IMPRESSÕES – BRASIL - SÉC. XIX

Em relação ao Brasil, sobretudo nos estados, a produção gráfica se desenvolve a partir do Segundo Reinado; por esta razão estende-se o conceito de obra rara até 1841.

A tipografia oficial no Brasil data de 13 de maio de 1808 com a criação da Imprensa Régia, por D. João VI. O primeiro folheto impresso foi “Relação dos despachos publicados na corte pelo expediente da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros.... Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1808 na Imprensa Régia”.

Até a Independência do Brasil em 1822 a Imprensa Régia mantinha o monopólio da imprensa no Rio de Janeiro.

A primeira tipografia particular foi estabelecida na Bahia por Silva Serva em 1811.

Em Pernambuco, em 1815, Ricardo Fernando Castanho importou o primeiro prelo que só funcionou em 1817 durante a revolução, retornando depois de 1821.

A próxima província a adquirir uma tipografia foi o Pará, seguido das seguintes províncias: Ceará; São Paulo; Rio Grande do Sul; Goiás; Santa Catarina; Alagoas; Rio Grande do Norte; Sergipe; Espírito Santo; Paraná, etc. 1815.

4 - EDIÇÕES CLANDESTINAS

As Edições Clandestinas ocorrem por motivos morais, religiosos, políticos ou por pirataria editorial.

Através de estudos, constatamos a existência de tentativas de tipografia no Brasil, com os holandeses, Jesuítas, mas certeza temos no Rio de Janeiro em 1747 com Antônio Isidoro da Fonseca, tipógrafo de Lisboa, que realizou seu trabalho imprimindo “Relação da entrada que fez... D. F. Antonio do Desterro Malheyro bispo do Rio de Janeiro... Rio de Janeiro, Na segunda Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, anno de M.CDD.XLVII”.

Em 6 de julho de 1747, pela ordem Régia – “todas as letras de imprensa, que fossem encontradas no estado do Brasil, e intimava a seus donos e aos oficiais impressores a proibição de imprimirem qualquer livro ou papel avulso, sob pena de serem presos e

remetidos para o reino.” Com isso a tipografia de Antônio Isidoro da Fonseca foi seqüestrada e os prelos enviados de volta a Portugal.

Qualquer obra que fosse composta no Brasil naquela época teria que ser publicada na Europa ou permaneceria em forma de manuscrito. Como podemos observar, oficialmente, até 1808 todo livro publicado seria considerado edição clandestina.

Na Europa, várias obras foram publicadas clandestinamente por motivos políticos e principalmente religiosos.

5 – EDIÇÕES DE TIRAGENS REDUZIDAS

Edições em papel especial, numerados e geralmente assinados. Podem incluir a indicação do proprietário para o exemplar numerado.

Muitas vezes numa mesma edição são usados diferentes tipos de papel, e para cada tipo uma nova numeração.

São edições limitadas com um número específico de exemplares, geralmente reduzidos.

6 – EDIÇÕES ESPECIAIS DE LUXO PARA BIBLIÓFILOS

Edição feita nos moldes dos livros antigos.

Papel de boa qualidade, folhas soltas ou em cadernos, ilustradas ou alguma artista de renome, geralmente *in folio* e colocadas em caixas, com tiragem limitada e podem ter a assinatura do autor.

São obras do século XX com as riquezas tipográficas dos grandes impressores dos séculos XV e XVI.

7 - EXEMPLARES DE COLEÇÕES ESPECIAIS EM REGRA GERAL COM BELAS ENCADERNAÇÕES E EX-LIBRIS.

A Biblioteca Nacional possui em seu acervo diversas Coleções doadas ou compradas. Esses fundos são importantes não só pelo valor literário da obra em si, como também, por fazerem parte de uma Coleção. Diversos são os exemplos que podemos citar: A Real Bibliotheca trazida com D. João VI para o Brasil, foi a Coleção que iniciou o acervo da Biblioteca Nacional; Coleção Thereza Christina Maria, doada por D. Pedro II, foi a maior doação recebida; Coleção J. A. Marques entre outras.

Muitas vezes uma obra não é considerada rara isoladamente, mas o fato de pertencer a um fundo faz com que se torne rara, pelo seu conjunto e pela sua história.

As Coleções possuem *Ex-Libris*, ou Carimbos, que geralmente são muito bonitos e colados no verso da capa ou da página de rosto.

Os *Ex-Libris* e Carimbos são marcas de propriedades que irão identificar uma personalidade ou coleção documentando e comprovando sua origem.

Podemos avaliar uma obra rara pelo seu valor extrínseco, como as belíssimas encadernações em couro, pergaminho, veludos, gravadas a ouro, com filetes e seixas douradas, etc.

As encadernações possuem seus estilos e grandes encadernadores foram e são reconhecidos através dos séculos.

Com a descoberta da tipografia a encadernação torna-se mais numerosa, surgindo novas técnicas e materiais.

SÉCULO XV

Couro estampado, com guarnições de ferro, ou em placas de madeira recobertas de tecidos valiosos.

SÉCULO XVI

Diminui o uso do tecido e surgem as encadernações em marroquim ou pele similar decorada com ouro. As mais simples são feitas em pergaminho. Um grande encadernador dessa época é Jean Grolier.

SÉCULO XVII

Predomina o couro decorado com desenhos geométricos. Destacam-se as encadernações em marroquim mate e as com iniciais e pequenos emblemas.

SÉCULO XVIII

Os mosaicos nas encadernações voltam e surge a decoração com estampas.

SÉCULO XIX

Substituição do couro legítimo por imitações ou tecidos de cor apresentando belo aspecto decorativo.

8 - EXEMPLARES COM ANOTAÇÕES MANUSCRITAS DE IMPORTÂNCIA - INCLUINDO DEDICATÓRIAS

Dedicatórias dos autores das obras, de reis, governantes ou autógrafos de celebridades. Informações relevantes que esclareçam ou comentem a obra.

9 - OBRAS ESGOTADAS

Edições consagradas esgotadas e não reeditadas, razão para se considerar rara.

Como já colocamos deve-se ponderar, que conforme interesses específicos de bibliotecas e/ou colecionadores, outros critérios podem e devem ser acrescentados. Entretanto a classificação de qualquer obra dentro destes padrões exige um apoio bibliográfico, i.e., consultas a bibliografias, catálogos especiais com descrição de exemplares, conhecimento de história do livro e outras fontes de informação e referência.